

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO PUBLICIDADE E
PROPAGANDA

MILENA ALVES DA ROSA

PRÁTICAS DE RESISTENCIA DA MULHER NEGRA A PARTIR DA
PERSONAGEM MICHELE EM *MISTER BRAU*.

PORTO ALEGRE
2017

MILENA ALVES DA ROSA

PRÁTICAS DE RESISTENCIA DA MULHER NEGRA A PARTIR DA
PERSONAGEM MICHELE EM *MISTER BRAU*.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof. Dra. Nilda Jacks

Coorientador: Prof. Ms. Guilherme
Barbacovi Libardi

PORTO ALEGRE
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado Práticas de resistência da mulher negra a partir da personagem Michele em *Mister Brau*, de autoria de Milena Alves da Rosa, estudante do curso de Comunicação Social – habilitação Publicidade e Propaganda, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 21 de dezembro de 2017

Assinatura:

Prof^a. Dr^a. Nilda Jacks

MILENA ALVES DA ROSA

PRÁTICAS DE RESISTENCIA DA MULHER NEGRA A PARTIR DA
PERSONAGEM MICHELE EM *MISTER BRAU*.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Nilda Jacks – UFRGS/DECOM
Orientadora

Prof. Ms. Guilherme Barbacovi Libardi – UFRGS/DECOM
Coorientador

Prof.^a Dr.^a Fernanda Oliveira da Silva – UNIRITTER
Examinadora

Prof. Ms. Tainan Pauli Tomazetti – UFRGS/DECOM
Examinador

“[...] das histórias que contam pra gente, as pessoas estão divididas em dois tipos, homens e mulheres. E esses dois tipos, estão divididos em duas cores: brancos e negros. Só que geralmente as nossas histórias são contadas por homens brancos. Então, ser mulher e negra, é lembrar o tempo todo que cada pessoa tem seu próprio desejo, tem sua própria cor. É lutar cada uma de nós aqui, pra que a gente conte as nossas histórias.”

Michele Brau.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que acreditaram em mim e me apoiaram, mesmo quando após três anos cursando bacharelado em química, decidi prestar vestibular novamente, para um curso completamente diferente. Vocês seguraram a barra, mesmo em tempos financeiramente difíceis para nós, permitindo que eu continuasse estudando, apesar de talvez não entenderem completamente o que eu estava fazendo. Sei que minhas escolhas, de uma maneira geral, acabam surpreendendo vocês, mas mesmo assim, vocês nunca deixam de me apoiar. Sempre serei grata por isto.

Agradeço muito a minha orientadora, Nilda Jacks, por ter abraçado o meu trabalho, mesmo quando ele era apenas uma ideia (bastante) solta no espaço. Por toda a paciência em lapidar e me fazer mudar várias vezes de ideia, até encontrarmos o objeto perfeito para estudar. E por fim, mas não menos importante, por ter me apresentado meu coorientador, Guilherme.

Tenho plena consciência de que não teria concluído este trabalho, se não fosse o suporte do meu “supercoorientador”, Guilherme. Agradeço por todos os momentos em que tu te colocou disponível para responder minhas dúvidas ou até mesmo me acalmar. Foi um trabalho árduo, feito em curto período de tempo, que exigiu muito de nós. Tive o luxo de ter uma orientação contigo. Ainda verei muitos livros e publicações com o teu nome e vou ter o orgulho de dizer que já fui orientada por ti.

A FABICO trouxe, pela primeira vez na vida, a oportunidade de conviver com mais de um ou dois colegas negros, em sala de aula. E isso significou muito. Logo ficamos amigos, e com eles aprendi sobre diversidade, liberdade de expressão, sobre ser quem nós somos, quem queremos ser. Também fizemos muita zueira, rimos, choramos, rolamos na grama e bebemos tudo que tínhamos direito (ou quase isso). Obrigado por fazerem parte desta minha evolução enquanto pessoa e da zueira sem limites: Bruna, Felipe, Hayane, Katiúscia, Luana, Marina e William.

Também tive a felicidade de conhecer uma pessoa ímpar, que foi minha parceira de todas as horas, na maior parte da graduação. Nos divertimos muito e também aprendemos muito juntas, talvez mais eu com ela, do que o contrário (a não ser que o assunto seja culinária). Obrigada por ser esta pessoa com o maior coração que eu já vi, Cleunice Maria, sua ridícula.

RESUMO

Este estudo analisa a representação da mulher negra na televisão brasileira a partir da personagem Michele Brau, da série *Mister Brau*. O objetivo geral é analisar as práticas de resistência de Michele frente às situações de opressões de ordem racista e machista que a personagem sofre. A pesquisa tem cunho qualitativo, onde são utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e análise documental. Através da pesquisa bibliográfica, será apresentado o conceito de representação, um breve histórico da presença do negro na teledramaturgia nacional, e por fim são conceituadas as temáticas de raça, gênero e feminismo negro. Através destes estudos e por intermédio da análise documental, é realizada a análise dos episódios selecionados em função da forte presença de situações envolvendo opressões sexistas e racistas. Como resultado da análise, tem-se em Michele a representação de uma mulher consciente das suas condições de raça e gênero, o que a possibilita o exercício de práticas de resistência frente aos discursos opressores do qual ela é vítima.

Palavras-chave: mulher negra, racismo, machismo, práticas de resistência, *Mister Brau*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Michele e ex-noivo.	15
Figura 2: Brau e Lima antes da fama vendendo mate na beira da praia.	15
Figura 3: Andréia e Henrique.	16
Figura 4: Michele Brau	20
Figura 5: Circuito da Cultura proposto por Du Gay.	35
Figura 6: Pai Tomás e Cloé, em <i>Cabana do Pai Tomás</i>	41
Figura 7: Mãe Quitinha em <i>Pacto de Sangue</i>	43
Figura 8: Dona Cida, Vivian e Bruno em <i>Anjo Mau</i>	45
Figura 9: Helena na novela <i>Viver a Vida</i>	46
Figura 10: Brau apresenta o projeto do Braudaid para Michele.	63
Figura 11: Michele mostrando imagem no tablet para Brau.	Erro! Indicador não definido.
Figura 12: Brau avaliando fotos de Michele na revista.	65
Figura 13: Michele desfere tapa no rosto de Antônio Carlos.	69
Figura 14: Michele interrogando Antônio Carlos	70
Figura 15: Brau fica surpreso pelo convite do produtor à Michele.	73
Figura 16: Michele provando ao produtor que sabe cantar.	74
Figura 17: Michele desaprova o figurino do show.	76
Figura 18: Michele cobre o figurino carnavalesco e canta.	77
Figura 19: Michele conversa com Obama.	78
Figura 20: Propaganda do Sabão Brasil no telão do programa <i>Os Brau</i>	79
Figura 21: Michele discute com Andréia sobre a frase preconceituosa.	81
Figura 22: Michele discute com Brau sobre a campanha machista.	82
Figura 23: Francis tenta convencer Michele e Andréia de que não é machista.	84
Figura 24: Michele faz fotos para campanha.	85
Figura 25: Michele passa na frente de outdoor com a filha.	86
Figura 26: Michele faz pichação enquanto Andréia filma.	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição dos episódios.....	26
Tabela 2: Situações com opressões machistas contra Michele.	90
Tabela 3: Situações com opressões machistas e racistas sobrepostas contra Michele.....	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
3 A REPRESENTAÇÃO A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS.....	35
3.1 REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA TELENOVELA.....	39
4 O RACISMO E O MACHISMO PELAS PERSPECTIVAS DO GÊNERO E DA RAÇA.....	48
4.1 O MARCADOR DE RAÇA	48
4.1 O MARCADOR DE GÊNERO	51
4.2 FEMINISMO NEGRO: ARTICULAÇÕES ENTRE GÊNERO E RAÇA ..	54
5 DESCRIÇÃO DO CORPUS	62
5.1 EPISÓDIO “BRAUDAID”	62
5.2 EPISÓDIO “JACARÉ”	67
5.3 EPISÓDIO “MICHELE EM CARREIRA INTERNACIONAL”	72
5.4 EPISÓDIO “SABÃO BRASIL”	79
6 ANÁLISE DO CORPUS: ENTRE OPRESSÕES E RESISTÊNCIAS	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104

1. INTRODUÇÃO

A composição da população brasileira é majoritariamente formada por afrodescendentes, sendo 54% dos brasileiros considerados pretos e pardos, segundo dados do IBGE (2015). O instituto ainda aponta que, 51,48% da população é composta por mulheres, sendo que a cada 10 pessoas, três são mulheres negras. Ou seja, a maior parte da população do país é formada por mulheres de descendência africana. Entretanto, embora estas mulheres sejam maioria na população nacional, continuam sendo a parcela com os mais baixos salários, com a menor escolaridade, à frente apenas do homem negro e as maiores vítimas de diversos tipos de violências ligadas ao gênero.

Se nos voltarmos para dados de escolaridade, encontramos consideráveis disparidades. Segundo dados do IBGE (2015), no Brasil, as mulheres representam o maior número de pessoas com ensino superior completo (19,2% delas possui graduação), enquanto que apenas 11,5% do total de homens possuem o mesmo nível de ensino. Porém, quando se adiciona o critério raça, temos números preocupantes: do universo de mulheres com graduação, 26% das detentoras de diploma de graduação são brancas, ao passo que apenas 11,2% das mulheres negras possuem tal.

Com relação a dados sobre renda, segundo estudo da ONG britânica *Oxfam*, as diferenças salariais entre pretos e brancos no Brasil apenas atingirá a igualdade em 2089, isto se, e somente se, as mudanças neste setor se mantiverem em ritmo constante. Atualmente, o salário de um homem negro com ensino superior é 29% menor do que o salário de um homem branco com o mesmo nível de ensino. Porém, com relação aos números referentes à mulher negra, encontramos um salário 43% menor do que de um homem branco igualmente graduado, segundo dados do Instituto Locomotiva, apresentados em matéria do site *Huffpost Brasil*.

Apesar da relevante preocupação que os dados apresentados despertam, as porcentagens relativas à violência conseguem ser ainda mais alarmantes. Mulheres não brancas são 59,4% das vítimas de violência doméstica, 62,8% das vítimas de mortalidade materna e 65,9% das vítimas de violência obstétrica no Brasil, de acordo com dados da *Fiocruz* e do Ministério da Saúde, divulgados em matéria do site da Revista Fórum. Entretanto, esse cenário negativo não para por aí: houve aumento

exponencial no número de feminicídios entre mulheres negras, atingindo uma taxa de 54%, enquanto entre mulheres brancas, o número apresenta queda de 10%, segundo a Faculdade Latino-americana de Estudos Sociais (2015).

Pousando nosso olhar sobre a mídia, encontramos uma quase invisibilidade da população negra brasileira. Apesar dos negros serem maioria no território nacional, conforme dados apresentados, 90% dos protagonistas de propagandas publicitárias são brancos. Ao passo que apenas 6% dos negros se sentem representados de maneira adequada na televisão, de acordo com o Instituto Locomotiva (2017). Em se tratando de televisão, no produto telenovela, as disparidades continuam e se acentuam, pois tivemos a presença de apenas três protagonistas negras entre os anos de 1990 e 2000. Discorreremos mais sobre esta questão no terceiro capítulo.

Diante de todos estes dados que comprovam as desigualdades sociais, de gênero e de raça no Brasil, vemos uma mulher negra oprimida em diversas frentes. Estas mulheres são as maiores vítimas de violência de gênero em território nacional devido à invisibilidade resultante da sobreposição de opressões sobre estas. Esta falta de protagonismo na vida social se reflete na mídia, em especial na televisão. A partir de leituras e levantamentos que são apresentados ao longo desta pesquisa, constatamos que há pouco interesse em representar a parcela negra, que apesar de mais numerosa da sociedade, parece ter menos relevância para as classes dirigentes do país, se considerarmos a baixa presença de protagonistas negras em telenovelas, por exemplo.

Entretanto, é observável uma quebra deste paradigma na série televisiva *Mister Brau*, da Rede Globo. Este produto midiático anda na contramão das representações baseadas em visões hegemônicas na televisão, ao passo que apresenta como protagonistas, um casal de negros de alta classe social. E para além disto, a série traz em seu enredo situações claras de preconceito agindo sobre estes e as suas devidas reações a estas circunstâncias. Fato que gerou grande destaque internacional à série, justamente por ser protagonizada por negros e tratar de temáticas polêmicas, como pode ser visto na menção à série, realizada pelo OBITEL (2016):

[...] a série de comédia *Mister Brau* (Globo) foi muito bem recebida e mereceu atenção da mídia internacional: o jornal britânico *The Guardian* frisou se tratar da primeira ficção da televisão brasileira protagonizada por um casal de negros ricos. [...] a série toca em temas como racismo e preconceito de classe, fazendo uma crítica social em tom sensível e inteligente, ampliada através do riso. (p.168)

A série também repercutiu recentemente no Jornal da UFRGS no Dia da Consciência Negra. O jornalista Wagner Machado¹ publicou um artigo intitulado *Dear black people of UFRGS*, no qual discorre acerca do que é ser negro na Universidade. No texto, Machado ilustra a questão da representatividade negra a partir da série *Mister Brau*, afirmando que “tem conseguido superar os estereótipos de que essa etnia na televisão tem espaço segregado em papéis de empregado, escravo, morador de periferias, malandro ou ladrão” (2017a, p.5). O autor, que tem se debruçado sobre a série como objeto de estudo, afirma esta representação do negro contra-hegemônica em *Mister Brau* é resultado de “um agendamento produzido a partir da sociedade para a mídia” (2017b, p.12), movido principalmente por movimentos sociais.

Dada a importância de se falar sobre a representação da mulher negra brasileira, alinhada com o surgimento da série *Mister Brau* e a ausência de trabalhos acadêmicos publicados sobre esta ficção² além dos discutidos por Machado, determinamos a escolha da sua protagonista, Michele Brau, como enfoque desta pesquisa.

Antes de apresentarmos a série, faz-se necessária uma breve descrição do que se entende por série no Brasil. Primeiramente, é importante salientar que existem distinções entre série e seriado, apesar de autores como Pallottini (1998) e Souza (2004), não diferenciarem os dois tipos de serialização e tratá-las como sinônimos. As séries podem ser caracterizadas como narrativas que se estendem por diversos episódios e que encontram um desfecho apenas ao final da temporada anual. Já os seriados, são classificados como narrativas que possuem começo, meio e fim em cada um de seus episódios, segundo estudo de Dantas (2015), apoiada em Munglioli e Pelegrini. Entretanto para Souza (2004), série pode ser classificada como uma ficção que mantém as personagens ao longo da temporada, porém com capítulos independentes, ou seja, cada episódio tem seu próprio desfecho. Ao passo que a mesma descrição é feita por Pallotinni (1998), com relação à nomenclatura seriado.

Como notamos, existem divergências nas classificações dos dois produtos entre autores, o que pode ser explicado por Dantas (2015), através Munglioli e Pelegrini,

¹ Atualmente, o autor está desenvolvendo sua dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS, pesquisando sobre as representações na série *Mister Brau*.

² Segundo consulta feita ao repositório da UFRGS (LUME) e ao Scielo, com busca efetuada pelas palavras chaves: Mister, Mister Brau e Brau. A busca foi realizada em 12 de set. 2017. O filtro utilizado na pesquisa foi “assunto”.

quando salienta que mais recentemente é observada uma hibridização entre as modalidades, sendo possível encontrar produções com características de ambas as serializações, sendo complexo classificar o estilo de cada narrativa. A ficção televisiva *Mister Brau*, objeto de estudo do presente trabalho, apresenta um formato de capítulos independentes com desenrolar individuais, portanto, será tratada a partir da nomenclatura “série”. Com relação a este produto, Pallotinni ressalta que

A unicidade total do conjunto é dada por um propósito do autor, por uma proposta de produção. Essa base de unidade se consubstanciará em personagens fixos, no tratamento de uma época, de um problema, de um tema (a feminilidade, a desigualdade social, o poder do dinheiro, o heroísmo dos motoristas de caminhão, o dia-a-dia de uma delegacia de polícia, etc.). É esse objetivo único que, realmente, unifica o seriado. Seus episódios serão, portanto, uma consequência desse objetivo básico, dessa cosmovisão, e terão como característica a relativa unidade de cada episódio e a unidade total de todo o seriado, dada por um sentido de *convergência*. (1998, p.32).

Portanto, apesar de cada episódio da série apresentar enredo individual, quando ampliamos o olhar para o conjunto, é perceptível uma unidade com fundo de crítica social, como já salientado pelo OBITEL (2016).

O fato da série ser pioneira no que tange a apresentar negros como protagonistas e por trazer à tona temáticas consideradas polêmicas como racismo e machismo, de forma leve e até mesmo cômica, encontra embasamento na afirmação de Pallottini (1998): “O seriado [...] tem-se permitido, por alguma razão misteriosa, discutir assuntos considerados graves, perigosos, importantes, delicados.” (p.43). Ou seja, a condição de série acaba conferindo a *Mister Brau* um grau de liberdade maior do que podemos observar nas novelas, por exemplo. Feita esta breve introdução e classificação sobre o que é série, seguimos com a apresentação propriamente dita de *Mister Brau*.

Para o seu lançamento, a série contou com algumas estratégias crossmidiáticas³. No dia 13 de setembro de 2015, no programa *Domingão do Faustão* foi feita a primeira aparição e lançamento do casal de protagonistas da série *Mister Brau*, o próprio Brau e Michele. Os personagens foram apresentados como personalidades reais ao público, com direito a performance musical e de dança do casal. Um pouco mais de uma semana depois, no dia 22 de setembro, estreou

³ Estratégia de distribuição de uma mesma mensagem ou ideia em diversas mídias sem ampliar a narrativa (JENKINS, 2009).

oficialmente na Rede Globo a série *Mister Brau*, na faixa horária das 22h30, sempre nas terças-feiras em substituição à série *Tapas e Beijos* que esteve no ar por cinco temporadas. O roteiro de *Mister Brau* é escrito pelo cineasta brasileiro premiado nacional e internacionalmente, Jorge Furtado e dirigida por Flávia Lacerda e Patrícia Pedrosa.

O nome da série é uma referência direta ao nome artístico de um de seus protagonistas, mas que entretanto, representa mais que um único personagem: *Mister Brau* apresenta uma condição de marca dentro da ficção. A série brasileira apresenta-se com dois protagonistas centrais negros: o casal Michele (Taís Araújo) e Brau (Lázaro Ramos). Michele está na faixa dos trinta e poucos anos, é dançarina, coreógrafa, empresária e o cérebro por trás da marca *Mister Brau*. A empresária tem perfil racional, dinâmico, sempre atenta a oportunidades de lucrar, mas também é sensível, vingativa, ciumenta e defensora do empoderamento da mulher. Brau, que tem entre trinta e quarenta anos, é músico e suas composições são uma grande mistura de vários ritmos, entre eles axé, funk, soul e pop. O músico tem personalidade mais descontraída, piadista, ingênua, infantil e, por vezes, ciumenta e um pouco machista.

O casal tem origem humilde, com raízes no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro. Antes da fama, Brau, de nome de batismo Braulio, era vendedor de mate na beira da praia, onde conheceu Michele, que na época, era dançarina de uma casa de shows para gringos. Michele vê potencial artístico no ambulante, que passava todos os dias na praia cantando o *jingle* escrito por ele e seu melhor amigo Lima (Luis Miranda), então cria o nome artístico “Mister Brau” e o leva para uma audição na casa onde trabalha. Brau não consegue o emprego, mas ganha uma empresária e esposa, pois Michele abandona o noivo Vicente (André Bankoff) e dono da casa noturna, para apostar no talento do seu novo amor, Braulio.

Figura 1: Michele e ex-noivo.

Fonte: Site do Gshow⁴

Michele acerta na sua aposta e faz de Brau um grande fenômeno musical, sucesso no Brasil e no exterior, o que acaba tornando-os milionários. Braulio valoriza muito a amizade, e leva com ele para o estrelato seu braço direito e melhor amigo, Lima, que se torna produtor musical, tecladista e compositor de refrãos do cantor. O produtor gosta de usufruir das conquistas e luxos do melhor amigo, sendo presença constante na casa dos Brau, apesar de não morar na mansão dos astros oficialmente.

Figura 2: Brau e Lima antes da fama vendendo mate na beira da praia.

Fonte: Site do Gshow.⁵

⁴ Disponível em: <https://gshow.globo.com/tv/noticia/mister-brau-primeiro-episodio-explica-como-brau-e-michele-se-conheceram.ghtml>. Acessado em: 14 out 2017.

⁵ Disponível em: <https://gshow.globo.com/tv/noticia/mister-brau-primeiro-episodio-explica-como-brau-e-michele-se-conheceram.ghtml>. Acessado em: 14 out 2017.

Este contexto é apresentado no primeiro episódio da terceira temporada. A primeira temporada da série se inicia com Brau já famoso e milionário. O enredo do primeiro episódio é a compra de uma mansão em um condomínio de luxo fictício, “Mountain Hill”, situado na Barra da Tijuca, onde todos os moradores até então, são brancos. Durante a noite, Michele e Brau visitam a propriedade, que ninguém sabe até então ter sido comprada por eles, e ao tomar banho na sua nova piscina, acabam chamando a atenção de seus futuros vizinhos, Henrique (George Sauma) e Andréia (Fernanda de Freitas). Andréia é a síndica do condomínio e chama a segurança da copropriedade, pois pensa que a mesma está sendo invadida. Esta é, portanto, a primeira situação de preconceito que o casal sofre na série.

Andréia é *socialite*, advogada de formação, que, entretanto, não atua no mercado e não faz a menor ideia de quem é Mister Brau. Henrique, marido da *socialite*, também é advogado e atua no escritório de advocacia do pai de Andreia. O advogado sabe quem é Brau, e se apaixona por Michele ao vê-la ao vivo na piscina da casa vizinha. As festas na casa dos Brau são constantes, o que leva os novos vizinhos ao desespero, tamanho o barulho das comemorações, fazendo com que decidam vender sua casa. Entretanto, esta tarefa se torna difícil, justamente por ter os Brau como vizinhos, pois isto desvaloriza o imóvel, por conta do barulho constante. Henrique acaba se tornando advogado de Brau, pois se dá conta do quanto pode lucrar com este novo cliente, diante do número de problemas judiciais que o músico acaba se envolvendo.

Figura 3: Andréia e Henrique.



Fonte: Site do Gshow ⁶

⁶ Disponível em: <https://gshow.globo.com/Estilo/noticia/fernanda-de-freitas-revela-segredo-dos-figurinos-de-andrea-em-mister-brau.ghtml> Acessado em: 14 out 2017.

Durante a primeira temporada são apresentadas diversas situações preconceituosas protagonizadas por Andréia e que tem como foco principalmente Michele. Além dos atos preconceituosos de cunho racista de Andreia, também são apresentadas outras situações que envolvem desde preconceito social até práticas racistas e machistas direcionadas aos protagonistas.

Ainda nessa temporada, Brau e Henrique se aproximam de forma a criarem uma relação de amizade. Ao mesmo passo que Michele e Andreia tomam posições opostas, pois o preconceito e inveja de Andreia inviabilizam uma relação de amizade. O que se constrói entre elas é uma relação cômica de tolerância.

Após o término desta temporada, é interessante acrescentar que a série ganha um episódio extra, exibido quatro meses depois do final da primeira temporada. Se trata de um especial, nomeado de “Especibrau”, o especial marca o lançamento do novo programa do casal, intitulado “Os Brau”, um programa musical de auditório onde Michele e Brau recebem artistas famosos, além de relembrar momentos do passado do casal. O programa de televisão dos astros é exibido ficticiamente nas terças-feiras, assim como a série.

A segunda temporada de *Mister Brau* é marcada por embates entre Michele e Brau no comando do programa “Os Brau”. As brigas vão desde exigências contratuais do novo programa da dupla, até as atrações selecionadas para serem apresentadas. Michele e Andréia, a exemplo da primeira temporada, continuam trocando farpas, as ofensas da *socialite* se tornam mais pesadas, assim como as reações de Michele se tornam mais contundentes. É também nesta temporada que Michele mostra objetivamente seu posicionamento enquanto mulher negra, depois de aposta firmada com o marido, no episódio de número seis, como será mostrado mais adiante.

No episódio final da temporada, três crianças negras e de origem desconhecida, surgem no condomínio Mountain Hill e são acolhidas pelos Brau. Após descobrir que Carlito (Sérgio Rufino), Egídio (Leonardo Lima) e Lia (Brunna Oliveira) são órfãos, o casal decide cuidar das crianças até descobrirem qual a melhor solução para o problema. Apesar de a avó materna do trio aparecer para assumi-los, estes continuam passando mais tempo na casa dos Brau.

A terceira temporada se inicia com as crianças ainda sem destino certo. Andreia, que está grávida desde meados da temporada anterior, dá à luz a um menino já no terceiro episódio. O parto de Henriquinho é realizado por Michele em um elevador.

Após isto, os ânimos entre Michele e Andréia melhoram consideravelmente, havendo tensão entre as personagens apenas ao final da temporada. Ainda no mesmo episódio, Michele e Brau oficializam a adoção de Egídio, Lia e Carlito.

Nesta temporada, mais precisamente no episódio oito, uma temática polêmica que já vinha sendo abordada desde a primeira, aparece com crítica mais forte: o machismo. A força do tema é tanta que as “inimigas” Michele e Andréia unem forças contra a dona de agência publicitária, Francis (Julia Gam). Vale destacar que neste episódio, Andreia está atuando como advogada dos Brau, ao lado do marido, o que vem acontecendo desde o episódio 15 da segunda temporada. Temos neste episódio o maior ato de resistência de Michele perante o machismo, o que torna mais que necessária a análise deste.

Para finalizar, vale mencionar que a paz entre Michele e Andreia encontra seu fim quando o filho mais velho da empresária conhece a irmã mais nova da vizinha e os pré-adolescentes acabam se envolvendo. Andréia não quer que sua irmã se relacione com “uma pessoa dessas”. Quando a frase preconceituosa chega ao conhecimento de Michele, inicia-se mais um atrito que, como todos os anteriores, acaba de forma cômica e leve.

Realizada a apresentação da série, agora nos detemos na personagem central deste trabalho: Michele Brau. Como já mencionado, a protagonista tem origem humilde. A empresária perdeu a mãe ainda jovem, sendo criada apenas pelo pai, Rui (Ailton Graça), fato que só vem a ser revelado na terceira temporada da série. O pai da empresária, antes de ficar viúvo, era músico e tinha problemas com bebida. Após a morte da mãe de Michele, ele percebe que precisa mudar para poder dar uma boa criação à filha. Rui larga a vida de músico boêmio, entra para a igreja, para de beber e torna-se um homem conservador. Entretanto, o sonho de Michele sempre foi ser dançarina, o que ela consegue realizar em segredo, dançando na casa de shows de Vicente, que depois se torna seu noivo. Michele acaba sendo descoberta pelo pai, que a surpreende enquanto esta dança vestida com roupa de carnaval no palco da casa de shows. Rui não aceita a escolha da filha como carreira. É neste momento que Michele vai embora de casa e não tem mais contato com o pai, até a aparição deste na terceira temporada da série. Percebemos Michele como uma mulher forte, independente, focada nos seus objetivos. Como já mencionado, Michele acaba

conhecendo Brau, larga Vicente e transforma o novo amor em um grande astro milionário.

Durante as três temporadas da série, Michele cresce em relação à visibilidade e à importância na narrativa, dividindo o protagonismo dos episódios com Braulio. Seus embates e resistências a situações opressoras vão se tornando mais relevantes, ao ponto de, na última temporada, a personagem protagonizar sozinha o episódio de teor crítico mais elevado. Além de, se traçarmos uma linha do tempo, no início do seriado as funções de Michele eram apenas de empresária e dançarina, enquanto que na terceira e mais recente temporada, além das já citadas funções, Michele acumula as atribuições de cantora, atriz, apresentadora de programa televisivo e mãe ultrapassando, portanto, a importância do marido. Podemos afirmar que a série vai se politizando ao longo das temporadas a partir, principalmente, das práticas da personagem Michele.

A personagem não esconde a vontade de um dia se tornar mãe, desde a primeira temporada da série. Ao adotarem as três crianças negras, Michele esforça-se para defende-los sempre contra os preconceitos dos quais as crianças são vítimas. Dessa forma, ensina-os a não permitir este tipo de tratamento.

Em relação à construção de Michele, é perceptível que ela mostra toda sua excentricidade, força, personalidade e posicionamento não apenas através de ações, mas também pelas suas roupas e acessórios. É no seu vestuário que percebemos primeiramente a consciência da sua negritude, pois ela esbanja do uso de estampas e acessórios de matriz étnica africana. Quando estas peças não apresentam referência diretamente a esta etnia, são invariavelmente sempre muito coloridas e seus acessórios grandes e chamativos. Sua consciência de raça também pode ser percebida nos seus penteados, com tranças e *dreadlocks* ou soltos ao natural, sempre com muito volume. Michele, portanto, apesar de ascender socialmente e em relação ao capital econômico, não apaga suas raízes africanas, ao contrário, ela as deixa bastante claras através do seu visual.

Figura 4: Michele Brau



Fonte: Site Gshow.⁷

O episódio que marca não apenas o posicionamento de Michele, mas principalmente a sua preocupação com as futuras gerações no que tange à opressão de gênero e de raça, é no sexto episódio da segunda temporada. Em um momento a dois na cama, Brau revela à Michele que sente um certo comodismo na relação, por ter sua mulher todos os dias “fácil”. A musa se revolta e desafia o marido a sair da zona de conforto, assim como ela também o fará. O que chama a atenção é a atitude de Michele para tomar uma nova atitude: ela decide visitar uma escola pública e conversar com meninas adolescentes, que são na sua maioria negras, sobre o que é ser mulher negra em um país como o Brasil. Em conversa com o grupo de estudantes:

Michele: [...] das histórias que contam pra gente, as pessoas estão divididas em dois tipos, homens e mulheres. E esses dois tipos, estão divididos em duas cores: brancos e negros. Só que geralmente as nossas histórias são contadas por homens brancos. Então ser mulher e negra é lembrar o tempo todo que cada pessoa tem seu próprio desejo, tem sua própria cor. É lutar cada uma de nós aqui, pra que a gente conte as nossas histórias.

Observadas todas as problemáticas disparidades envolvendo a população negra brasileira e mais precisamente, a condição da mulher negra no Brasil, surge a necessidade e a vontade de trazer para o âmbito acadêmico o estudo sobre a

⁷ Disponível em: <https://gshow.globo.com/Estilo/noticia/relembre-os-figurinos-estilosos-da-personagem-de-tais-araujo-em-mister-brau.ghtml>. Acessado em: 16 dez 2017.

representação desta mulher em *Mister Brau*, produto midiático que subverte a ordem hegemônica de sua representação. Apresentada a relevância da personagem Michele no que tange a estas questões na série, nos questionamos: de que forma as representações de Michele endereçam práticas de resistência contra opressões de gênero e de raça?

Para responder a este problema, delineamos o seguinte **objetivo geral**: Analisar a representação das práticas de resistência por parte de Michele em *Mister Brau*. A fim de cumprir com este grande objetivo, traçamos outros três objetivos específicos: (1) localizar e analisar os atos de opressão de gênero e raça separadamente; (2) localizar e analisar os atos de opressão de raça e gênero sobrepostos; (3) verificar se houve resistência por parte de Michele.

No capítulo seguinte, apresentamos a estratégia teórico-metodológica à qual recorreremos para realizar o estudo. No terceiro capítulo, apresentamos o conceito de representação a partir da ótica dos estudos culturais, com ponto de partida no Circuito da Cultura proposto por Du Gay. Posteriormente, contextualizamos uma noção mais geral sobre o tema a partir dos escritos de Vera Regina França e finalmente nos aprofundamos na temática da representação através dos estudos de Stuart Hall. Também é realizada uma aproximação entre os conceitos de representação e identidade por intermédio de Muniz Sodré, Joel Zito Araújo, Grijó e Souza, entre outros, pensando a questão do negro e da negra na telenovela brasileira.

No quarto capítulo, falamos sobre raça, gênero, feminismo negro e as sobreposições entre raça e gênero. No que se refere à temática de raça, construímos o conceito a partir dos estudos de Muniz Sodré, Stuart Hall e Lélia Gonzalez. No que diz respeito à gênero, o conceituamos por intermédio dos estudos de Judith Butler, complementando com o pensamento da pesquisadora brasileira Guacira Lopes Louro. Com este quadro conceitual, damos seguimento abordando a constituição histórica do feminismo negro afim de compreender as relações de opressão envolvendo gênero e raça. Para tanto, nos apropriamos dos estudos de bell hooks, Avtar Brah, Patricia Collins, Sueli Carneiro, entre outras pesquisadoras.

A partir deste referencial teórico, partimos para o quinto capítulo, onde é feita a descrição e análise dos episódios, dando enfoque às cenas de opressão da qual Michele é vítima. O corpus de análise selecionado, é composto por quatro episódios: o segundo episódio da primeira temporada, o sétimo episódio da primeira temporada,

o décimo terceiro episódio da primeira temporada e o oitavo episódio da terceira temporada. Após a descrição destes, apresentamos, por intermédio de duas tabelas, um panorama das situações de machismo e uma referente a sobreposições entre machismo e racismo, situações específicas que são analisadas dentro dos episódios. Logo após cada uma das tabelas, apresentaremos a análise dos conteúdos destas. Encerramos o estudo no quinto capítulo, destinado às considerações finais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de explicitarmos de que forma foi realizado a coleta e o tratamento dos dados para responder ao problema de pesquisa deste estudo, discorreremos sobre a importância do detalhamento dos procedimentos metodológicos.

A legitimação da comunicação no campo científico depende muito do avanço da prática da pesquisa, que é essencialmente uma prática metodológica. A preocupação com a teoria (que é um dos níveis discurso científico) na pesquisa tem relegado para segundo plano as questões de metodologia, tanto em termos de seu estudo (Metodologia enquanto disciplina) como em termos de sua aplicação (Metodologia enquanto prática). (LOPES, 1994, p.13)

Isto porque, para Lopes, “a metodologia, em uma ciência, constitui o espaço por excelência da reflexão de um campo de conhecimentos sobre si mesmo, enquanto prática teórica” (1994, p. 77). Ou seja, sua importância está justamente na possibilidade de questionamentos acerca dos métodos utilizados para fins de construção teórica. Pois como salientado pela autora, é através da evolução da prática de pesquisa que se legitima a comunicação no campo científico.

Os procedimentos metodológicos utilizados no presente trabalho se dividem em três etapas: coleta dos dados, a fim de descrever a série *Mister Brau* e para contextualizar o cenário da mulher negra no Brasil; leituras para corroborar alguns dados sobre racismo contra mulheres no país e para a posterior análise dos dados; e a análise em si. Para a coleta de dados, nos amparamos na pesquisa documental (MOREIRA, 2009). Para a seleção das leituras, fizemos uso da técnica de pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2009); e para analisarmos os dados coletados à luz da teoria, realizamos uma análise documental (MOREIRA, 2009). Falaremos, primeiramente, sobre a pesquisa documental.

Ela trata da identificação, verificação e apreciação de determinado documento. “Ela funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos.” (MOREIRA, p.276, 2009). Diz respeito àqueles dados que não receberam um tratamento científico como livros e periódicos. Ou seja, como dados documentais, podemos citar filmes, músicas, cartas, fotografias, entre outros. A autora destaca, que esta análise, na maioria dos casos se apresenta de forma qualitativa, apesar da existência, mais rara, da modalidade quantitativa. Moreira (2009) também infere que a escolha deste tipo de pesquisa, pressupõe algum breve conhecimento ou intuição

do pesquisador, acerca da escolha de bases documentais a serem consultadas. A pesquisa, além de se voltar para o objeto selecionado, também de abranger informações complementares a este objeto. Pois para a autora, é de importância fundamental a contextualização do que se quer estudar em uma análise documental.

Além da caracterização e descrição dos conteúdos dos documentos em estudo, fazem-se importantes também anotações e comentários do pesquisador acerca do que está sendo observado. Pois, para Moreira (2009), o registro destes no momento de exame do material, tem relevância, pois estas ideias poderiam se perder caso sejam deixadas para um momento posterior. Ela ainda acrescenta que, este tipo de análise se processa a partir de semelhanças e diferenças, pois é formada por um aglomerado de ações que objetivam descrever materiais/documentos de maneira “unificada e sistemática” (p. 276, 2009). Ou seja, é através do descobrimento e da união de informações semelhantes, ou diferentes, que se constrói a análise documental.

A análise documental, muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos. (MOREIRA, p. 276, 2009)

Já a pesquisa bibliográfica diz respeito a todo processo de planejamento de um trabalho de pesquisa, que vai desde a identificação da bibliografia que será utilizada, até a transcrição das ideias extraídas destes autores, acrescidas pelas geradas pelo pesquisador (STUMPF, 2009). No início deste percurso, a autora salienta a dificuldade de se identificar bibliografias de interesse, ocasionada pelo grande volume de trabalhos disponíveis, graças à internet, atualmente. Pois apesar de facilitar as pesquisas por um lado, por outro complexifica a tarefa de se buscar uma literatura pertinente ao assunto que se deseja aprofundar, dado o grande volume de materiais disponíveis. Entretanto, a importância deste passo, está no fato de que é necessário estar ciente do que já foi produzido sobre o tópico de interesse, afim de não discorrer sobre algo que já foi descrito.

A escolha do foco de interesse do trabalho, segundo Stumpf (2009), deve ter relação com algo que motive o pesquisador, algo buscado na vida real. Somado a isto, utilizando-se da leitura de materiais relacionados a temática escolhida, o pesquisador deve procurar por brechas, às quais seu trabalho pode ser utilizado para preencher

estas lacunas. Realizada esta etapa, o passo seguinte refere-se ao aprofundamento nos “conceitos-chaves e suas relações” (STUPMF, p.53, 2009). O que se dá por intermédio de uma ampliação do material levantado previamente, o que a autora chama de pesquisa bibliográfica, que pode ser definida como “um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa [...]” (STUMPF, p.54, 2009).

Sendo assim, apesar de muito próximas, as duas técnicas são utilizadas aqui de maneira complementar. Onde utilizamos a pesquisa documental com fito de averiguar meu objeto de estudo e conhecer as questões que o cercam. De posse dessas informações, realizamos a pesquisa bibliográfica com finalidade de verificar as teorias com as quais podemos analisar as questões pertinentes ao objeto.

O ponto de partida da constituição desta pesquisa foi a procura por uma ficção televisiva nacional atual que apresentasse personagens negros, se possível, em papéis de protagonismo. Tal motivação emergiu a partir da minha (e, aqui, escrevo em primeira pessoa por se tratar de algo pessoal) construção identitária de sujeito. Eu, enquanto mulher negra, não me vejo representada na grande maioria dos produtos midiáticos. Ao contrário, cresci assistindo meus iguais em papéis subalternos e/ou de pouca importância, como se isto fosse o normal. Academicamente, tal problema é legitimado quando verificamos a pouca representatividade midiática desta parcela da população, principalmente em papéis de destaque. *Mister Brau*, como foco na personagem Michele, portanto, foi o recorte escolhido para que me debruçasse.

Após a definição do objeto, iniciamos a etapa de análise documental propriamente dita, onde os documentos analisados foram os episódios de *Mister Brau*. Ou seja, neste momento foi realizada a apreciação e a verificação da série (MOREIRA, 2009). A fonte de onde foram extraídos os episódios para fins de pesquisa, tem origem secundária, pois os dados já se encontravam devidamente organizados (MOREIRA, 2009). Este local, foi a plataforma de *streaming* da Rede Globo, o *Globo Play*, plataforma *online* em que é possível assistir aos episódios de todas as temporadas. A apreciação e a verificação foram feitas ao assistir a totalidade de episódios que foram ao ar do programa, desde a sua estreia em setembro 2015, até o último episódio da terceira temporada, veiculado em julho de 2017. Tendo, cada episódio da série, em média 30 minutos de duração, e considerando um total de 45 episódios no somatório das três temporadas, foram assistidos um total de 1.350 minutos da ficção. Feito isto,

construímos uma tabela com o objetivo de visualizarmos todos os episódios de modo organizado, facilitando um recorte mais específico do objeto, dada a impossibilidade de se analisar a série na sua totalidade, posto que isto iria além do que uma monografia de conclusão de curso permitiria.

Temporada	Episódio	Data	Título (não oficial)	Resumo	Temas abordados	Música	Destaque Michele
-----------	----------	------	----------------------	--------	-----------------	--------	------------------

Salientamos que, oficialmente, os episódios da série não são nomeados, de forma que criei títulos não oficiais para estes, com a finalidade de facilitar a identificação. Da mesma maneira ocorreu com o resumo, também não foram encontrados resumos oficiais de cada episódio. Sendo assim, compilei resumos das situações ocorridas em cada um destes. Na coluna dos temas abordados, foquei em atitudes preconceituosas direcionadas a Michele e/ou Brau, ou seja, situações envolvendo racismo e machismo. A coluna música se refere as canções apresentadas em cada episódio, considerando que Brau é músico e que a grande maioria dos episódios se encerra com uma música composta pelo protagonista, sendo algumas destas com fundo crítico. Por fim, a última coluna intitulada destaque Michele, foi agregada a tabela posteriormente a sua construção e preenchimento primário.

Tabela 1: Descrição dos episódios.

Temporada	Episódio	Data	Títulos (não originais)	Resumo	Temas abordados	Música	Destaque Michele
1	1	22/09/2015	Primeira vez na mansão	Michele e Brau vão conhecer a mansão nova. Os vizinhos Andreia e Henrique chamam a segurança. Brau faz muitas festas e irritam os vizinhos. Henrique e Andreia tentam vender a casa. Brau contrata Henrique. Gisele aparece e revela que 6G foi escrita pra ela. Michele quer dar o troco em Brau. Henrique se declara para Michele, mostrando o quanto ela é uma grande mulher, e ela desiste de trair Brau, mas finge ter traído o marido com Henrique.	preconceito racial, traição	Sou teu - Música que Brau escreveu para pedir desculpas a Michele.	Michele descobre que o maior hit da carreira de Brau foi escrito para outra mulher e decide se vingar.

Temporada	Episódio	Data	Titulos (não originais)	Resumo	Temas abordados	Música	Destaque Michele
1	2	29/09/2015	Braudaid	Brau resolve lançar um curativo com cor para todas as peles. Surge "Das Dores", empregada fictícia de Michele. Brau é processado por já existir um produto similar nos EUA. Lima apresenta o Miodara. Brau precisa mudar o mote da campanha do Braudaid. Michele aceita posar de calcinha. Brau e Lima brigam. Braudaid é para misturar as cores.	preconceito racial, machismo	Braudaid - Música do comercial do produto. Meu nome é Brau.	Michele não aprova a ideia do braudaid e recusa mostrar a bunda em campanha do curativo. Brau usa imagem que parece a bunda de Michele e que viraliza como se fosse a bunda da musa. Michele se aproveita da situação e fecha contrato para posar de calcinha e ganhar dinheiro. Michele cria a "Das Dores" para poder falar ao telefone tudo que pensa de Andréia.
1	3	06/10/2015	Música para a Venezuela	Contratação de Gomes. O galo de Brau. Brau precisa compor música para Shakira. Brau ofende a venezuela fazendo paródia de música tradicional do país. Andreia quer que Brau seja preso por racismo. Henrique bebe miodara e defende Brau de público raivoso, revertendo a situação. Brau faz clipe em homenagem a Venezuela em pedido de desculpas.	preconceito racial	Venezuela a música é um pedido de desculpas de Brau à Venezuela	Michele administra a casa sozinha, fazendo inclusive o café da manhã. Ela convida Henrique para correr. Michele cruza com Andreia no shopping, elas estão usando bolsas iguais e a dançarina joga na cara da vizinha que corre com o marido dela todas as manhãs.
1	4	20/10/2017	Recasamento	Brau e Michele resolvem se casar de novo. Michele vai para um spa. Lima arma uma despedida de solteiro. Michele pensa que Brau a traiu.	traição	"I had the time of my life"	Michele cuida dos preparativos do "recasamento". Na volta do spa descobre a despedida de solteiro. Brau some durante a cerimônia e Michele inventa história para os convidados e cancela o evento.
1	5	27/10/2015	Novo Brau	Brau e Michele brigam. Michele resolve encontrar um novo Brau. Lima e Brau voltam as origens para resolver crise criativa. Brau e Michele se dão conta que precisam um do outro.	traição	(não tem música)	Michele afirma que inventou a marca Mr. Brau e garante que encontrará um substituto. A empresária ensaia Gomes para ser o novo Brau.
1	6	03/11/2015	Bardo Brau	Brau decide montar um bar em sua garagem. Um antigo namorado francês de Andreia resolve visita-la. O ex de Andréia arrasta todos para a inauguração do vizinho. Brau chama a polícia para a inauguração do próprio bar.		Claudinho sem bochecha.	Michele reforça os compromissos de Brau e impede que ele saia de casa, o que posteriormente gera a ideia do Bardo Brau.
1	7	10/11/2015	Jacaré	Um jacaré aparece na piscina de Michele e Brau. O casal passa a noite na casa de Henrique. Brau precisa compor. Pai de Andréia assedia Michele achando que ela é a empregada.	preconceito racial e assédio	Jacaré - música composta por Brau durante o episódio.	Michele confronta pai de Andreia e faz com que ele peça desculpas pelo assédio.
1	8	24/11/2015	Pra Cego ver	Brau precisa compor. Andreia faz greve de sexo pois não aceita a amizade de Henrique com os Brau. Brau e Henrique fingem uma briga. Brau rouba frases de Michele e comete gafe em entrevista. Erro de português em música. Brau cola os dentes minutos antes de entrar em show.		Sereia - música composta por Brau durante o episódio.	Michele cobra composições de Brau. Brau rouba posicionamento e frases inteligentes de Michele em entrevista. Michele tenta convencer Brau a fazer show para não perder contrato e consegue.

Tempo rada	Episódio	Data	Titulos (não originais)	Resumo	Temas abordados	Música	Destaque Michele
1	9	01/12/2015	Para-raio	Brau tem um pesadelo e decide que o condomínio precisa de um para-raio. Andréia quer expulsar os Brau do condomínio por trabalho escravo. Lima não tem documentos e Brau arranja dedos falsos para Lima passar na biometria do condomínio. Lima se passa por Das Dores e o fiscal do trabalho chamado por Andréia se apaixona pela "empregada". Brau é atingido por um raio.		Clipe: Rap do ruivo. A música tem relação com fatos do episódio.	Michele se passa por das dores ao telefone novamente em conversa com Andréia. A empresária tira o fiscal do pé de Das Dores (Lima) ao descobrir que ele é casado.
1	10	08/12/2015	Brau motorista	Brau decide ser motorista de Henrique e Andreia como laboratório para um filme. Michele pensa que está gorda e inicia dieta. Andreia é compulsiva por jogo. Michele pensa que Brau e Andreia estão de caso e resolve se vingar tendo um caso com Henrique. Michele apaga devido a mistura de bebida com remédios e nada acontece.	traição	O amor é uma aventura.	Michele não consegue fechar vestido, pensa que está gorda e começa dieta.
1	11	15/12/2015	Capa de revista	Uma famosa revista francesa convida Michele e Brau para serem sua capa. Ninguém sabe se x fotógrafo é homem ou mulher. Andréia fica com inveja de Michele. Lima tem ciúme de amigo antigo de Brau. Andréia dá entrevista preconceituosa. Michele ajuda Henrique a limpar a barra de Andreia, após resposta preconceituosa em entrevista. Todos posam para a revista.	Gênero. Preconceito social	A amizade.	Michele com inteligência ajuda Henrique a limpar a barra de Andreia. Michele se preocupa em descobrir qual a orientação sexual de Alex pois não sabe como lidar com o fotógrafo (a).
1	12	22/12/2015	Manobrista	Brau é confundido com manobrista na saída de restaurante. Michele organiza jantar para conhecer os vizinhos. Jornalistas chechenos acompanham Brau para gravar documentário. Policiais corruptos querem levar Brau preso no meio do jantar. Michele exige um pedido de desculpas pelo racismo. O autor é um juiz corrupto, e é desmarcado. Michele recebe o apoio das vizinhas, menos Andreia. Episódio encerra com vídeo clipe com Mumuzinho.	Racismo	Clipe: As aparências enganam, o que parece não é. Música reforça a temática do episódio, o preconceito, no sentido geral da palavra.	A empresária atua como interprete de inglês com os jornalistas chechenos. Michele exige que o autor do racismo se desculpe com Brau, independe de quem ele seja e proíbe que o carro do culpado saia do condomínio, além de descobrir pista que prova que Brau não é criminoso. A musa descobre que as vizinhas do condomínio são suas fãs. Michele desmascara Andreia, que vinha publicando notícias anti Brau na internet e contorna no movimento que queria expulsar ela e o marido do condomínio.
1	13	29/12/2015	Michele em carreira internacional	Produtor internacional convida Michele para ser artista solo nos EUA. Andreia resolve lançar um livro de colorir. Gomes tem medo de voar. Henrique fica desesperado com a partida de Michele, toma um porre com Lima e tatua o nome de Michele. Brau propoe para Michele ser seu empresário. Visto do Brau é cancelado devido confusão em música com palavras em inglês. Michele salva Brau conversando com Obama, que é seu fã.	Ciúme e machismo	O amor é uma aventura.	Michele se recusa a fazer playback e mostra para empresário que sabe cantar. A musa diz para Brau que está cansada de não ficar nos holofotes e vai aceitar a proposta do americano. Ela se recusa a usar o figurino carnavalesco e com muita pele exposta que foi determinado para show e muda toda a proposta da apresentação. A empresária resolve o mal entendido que Brau se envolveu, conversando com Obama.

Tempo rada	Episódio	Data	Títulos (não originais)	Resumo	Temas abordados	Música	Destaque Michele
2	1	12/04/2016	Michele em turnê EUA	Michele está em turnê nos EUA. Henrique encontra uma forma de trazer Michele de volta. Andreia quer engravidar. Henrique descobre forma de manter Michele no Brasil. Brau e Michele abandonam as carreiras para ficar juntos, na cama. O casal retoma as carreiras para não falir. Henrique sonha com Michele. Brau chama Michele para dividir o palco com ele nos shows.	ciúme, saudade	Michele e Brau	Michele abandona carreira internacional em troca de dividir os palcos com o marido, assim seguindo com sua carreira no Brasil. Agora Michele é cantora e dançarina.
2	2	19/04/2016	Lima em crise	Lima está em crise e sai da banda. Henrique substitui Lima. Andreia entra para o corpo de dançarinas e irrita Michele. Brau precisa compor até o final da turnê. Michele compõe música e Brau não aceita. Gomes faz parte de coral e canta com Michele e Brau no palco.	ciúme, machismo	Não amar você, só se fosse outra pessoa - composição de Michele	Michele compõe a música que Brau não conseguiu. A música é muito boa.
2	3	26/04/2016	Superstição	Brau assiste filme de terror e fica com medo. Andreia se fantasia para assustar Brau.		Michele - clipe inspirado em thriller	
2	4	03/05/2016	Aniversário 1º beijo	Brau esquece do aniversário e faz música para Michele. A música não é nova, é plágio. Brau encontra o autor da música, Percival. Percival dá em cima de Michele. Andreia é assediada e exige uma ação de Henrique. Henrique defende Michele de Percival.	ciúme, machismo, racismo	Smack, Smack - com participação de Persival	Michele tieta Percival para fazer ciúme em Brau que esqueceu do aniversário do primeiro beijo.
2	5	10/05/2016	Golpista	Antigo amigo de Brau reaparece. Ele quer dar um golpe em Brau. Michele descobre tudo e dá um golpe de volta. Crise entre Brau e Lima.		De mate limão - música escrita por Brau e Lima antes da fama.	Michele desconfia que Brau está sofrendo um golpe, comprova a desconfiança e devolve o golpe no suposto "amigo".
2	6	17/05/2016	Zona de Conforto	Michele e Brau fazem uma aposta: sair da zona de conforto. Michele vai a escola pública palestrar para meninas sobre "o que é ser mulher negra num país como o Brasil". Andreia suspeita que Henrique é gay. Lima e Maria Augusta vão embora. Andreia demite tentente Marques e Brau o contrata.	machismo	FGH AEIOIOOIE A - composição feita por Brau durante o episódio.	Saída que Michele toma para sair da zona de conforto: palestrar para meninas sobre "o que é ser mulher negra num país como o Brasil". Ela também fala sobre machismo.
2	7	24/05/2016	Aniversário	Bate a crise de idade em Michele. Brau manda pintar quadro de Michele como presente. Brau leva Michele de volta a Madureira para Gomes montar festa surpresa. Michele reencontra salão que frequentava antes da fama. Rosinha beija Brau. Michele descobre e briga com Brau.	preconceito, traição	Meu amor você está de parabéns - música de Brau para Michele	Michele entra em crise por conta de um cabelo branco.
2	8	31/05/2016	Afastament o Redes Sociais	Michele e Brau decidem se afastar das redes sociais. Brau, Michele, Henrique e Andreia vão acampar. Vaza na internet video de Michele e Brau tomando banho de cachoeira. Lima se posiciona anti redes sociais. Brau limpa o nariz no video. Michele viraliza o vídeo.		Clipes: colar	Michele resolve o alvoroço do vídeo dando entrevista coletiva na porta de casa.
2	9	07/06/2016	Demissão Gomes	Algum funcionário precisa ser demitido por causa da crise. Gomes é o escolhido. Michele e Brau fazem um contrato de permuta com o Hotel fictício "Casarão Weimer". O hotel tem os quartos decorados com imagens de escravos sendo punidos. Brau e Michele fazem acordo com o hotel, redecoração com tema Brau. Final festa na casa dos Brau.	racismo	Meu nome	Michele apresenta a saída para o problema com o hotel, a redecoração com a temática Mr. Brau.

Temporada	Episódio	Data	Titulos (não originais)	Resumo	Temas abordados	Música	Destaque Michele
2	10	14/06/2016	Plágio vestido	Michele é acusada de plágio ao usar vestido igual ao de um costureiro famoso. Brau coloca a culpa em Gomes. Michele perde a confiança em Gomes. Andreia contrata Gomes. Brau mente para Gomes que Michele está doente. Gomes e Michele fazem as pazes.	confiança, preconceito social	não tem	Em assembléia de condomínio, Michele defende Tenente Marques.
2	11	21/06/2016	Gastar é preciso	Michele decide gastar dinheiro para pagar menos imposto. Michele retorna a ligação de Andréia, que atende e finge ser a empregada para xingar Michele. Michele vai até a casa de Andreia furiosa. Michele descobre que Catarina não é a culpada dá de presente um vestido de grife que Andreia queria e não conseguiu comprar.	racismo	gravação clipe: eu sou o teu arco e você minha flexa	Forma como Michele se vinga de Andréia pelo ataque racista.
2	12	28/06/2016	Político corrupto	Brau é envolvido em escândalo de corrupção por um mal entendido com político. Brau vai preso. Pai de Andreia é fugitivo. Michele acha que Andreia está traindo Henrique. Brau faz show beneficente.	corrupção	não tem	Michele se dá conta de como tirar Brau da cadeia.
2	13	05/07/2016	Dona Rosita	Mãe de Gomes decide visitar o filho. Dona Rosita é uma grande golpista. Os Braus querem se livrar de Dona Rosita. Todos acreditam em palpite de Dona Rosita e apostam em cavalo, que perde a corrida. Michele ganha pois apostou em outro cavalo.		ta tao bom com que eu quero cem - música composta durante o episódio	Michele não vai atrás do palpite de Dona Rosita e ganha o páreo.
2	14	12/07/2016	Brau síndico	Brau decide concorrer a síndico do condomínio. Michele não concorda muito com a ideia e prevê a derrota do marido. Brau vence, mas suas ideias não fecham com a verba em caixa. Andreia não vence na nova eleição e condomínio tem novo síndico.		música instrumental	Michele não concorda muito com a ideia e prevê a derrota do marido.
2	15	19/07/2016	Carnaval na	Michele e Brau decidem ficar solteiros durante o carnaval de Salvador. Michele conhece Bárbara, que vira sua acessora. Brau fica com ciúme de Bárbara. Andreia vira advogada de Brau. Bárbara coloca Michele contra Brau.	Machismo, ciúme, gênero.	Michele e Brau cantam em show no carnaval - A Bahia é Brau!	Michele faz ciúme em Brau com Bárbara. A empresária descobre o golpe de Bárbara e esclarece tudo com Brau.
2	16	26/07/2016	Festa Andréia	Andreia vai dar uma festa. Henrique convida os Brau. Andreia se desespera ao saber do convite pois nenhum convidado é negro. Andreia arranja um convidado negro, um advogado. Surge um mal entendido entre o médico indicado por Brau e Henrique. Brau demite Henrique e contrata o advogado negro apresentado por Andréia. Brau não se entende com o advogado, pois este se sente superior por ter um diploma. Brau recontracta Henrique.	Racismo, preconceito social	Clipe: "Estranhou o que? Preto pode ter o mesmo que você". Música reforça a temática tratada no episódio, o racismo.	Michele cumprimenta a babá que não foi apresentada por Andreia, por ser babá. A empresária não gosta da arrogância de Robson e alerta Brau.

Temporada	Episódio	Data	Titulos (não originais)	Resumo	Temas abordados	Música	Destaque Michele
2	17	02/08/2016	Crianças	3 crianças negras entram no condomínio. Michele e Brau acolhem as crianças. Brau e Michele descobrem que as crianças vivem sozinhas. Os Brau convidam as crianças para ficar em sua casa. A avó das crianças aparece e leva as crianças. Brau, Michele e Lima sentem falta das crianças. As crianças voltam. Carlito ganha festa de aniversário e certidão de nascimento.	racismo	clipe com crianças: Segue a batida	Michele defende as crianças da vizinhança. Ela desconfia da história contada pelas crianças. Michele encarna o espírito de mãe e acaba chamando as crianças para ficar na casa dela e de Brau após descobrir que elas vivem sozinhas.
2	18	21/12/2016	Especial de Natal: Especibrau	Lançamento do programa "Os Brau". Retrospectiva das músicas lançadas na primeira e segunda temporadas.		Todas as músicas de Brau lançadas até o momento.	
3	1	18/04/2017	Traição passado	Os Brau relembram o passado no programa. Brau fica com ciúme de ex noivo de Michele e como vingança traz a tona a história de 6G.	traição, ciúme	Não pretendo amar te magoar - música de Brau para Michele	Michele descobriu o talento de Brau enquanto ele vendia mate na beira da praia e cria a marca Mr. Brau.
3	2	25/04/2017	Bullying	Michele conta sobre bullying que sofreu na infância a Gomes. Michele e Brau exageram ao tentar lidar com bullying.		chocolate - música de Angélica	Michele não gosta dos papéis escolhidos pelas criança para peça de teatro na escola e teme que elas sofram bullying. Ela relembra do bullying que sofreu na infância e coloca um fim na história com a ajuda de Gomes. Michele conversa com Lia sobre ser gordinha e especial.
3	3	02/05/2017	Adoção crianças	Avó das crianças vai embora para a Rússia. Michele e Brau definem que precisam adotar as crianças. Michele faz o parto de Andreia. Os Brau tentam impressionar assistente social para adotar crianças. Lima está saindo com a assistente social. Os Brau não ganham a guarda. Lima faz com que o casal ganhe uma segunda chance e conquistam a adoção.		Bochecha sem claudinho - música de Bochecha	Michele arma todo um "teatro" de família perfeita para impressionar a assistente social. Porém, tudo sai do controle, eles perdem a adoção e Michele fica triste.
3	4	09/05/2017	Mãe do Brau	Primeiro dia das mães de Michele. Brau reencontra a mãe perdida. Exame de DNA comprova que Brau não encontrou a mãe. Crianças fazem surpresa para Michele.		não tem	Michele faz exame de DNA escondida para saber se a suposta mãe de Brau é mesmo biológica.
3	5	16/05/2017	Brau brocha	Michele conta no programa que Brau já brochou. Brau entra em crise e não consegue compor. Michele resolve ter um caso extraconjugal com Brau para ajuda-lo a produzir.		Cola em mim.	Michele resolve o problema de Brau para compor.
3	6	23/05/2017	Anônimos	Michele e Brau se disfarçam para passar como anônimos. Brau sofre preconceito ao sair de supermercado. Michele sofre assédio no ônibus e Catarina a defende. Tenente Marques se apaixona por Rita (Michele). Catarina ganha carro em sorteio, mas Andreia diz que o premio é dela. Henrique defente Catarina.	preconceito racial, assédio, avareza	música de artista convidado do programa Os Brau	Michele com ajuda de Catarina se livra de tarado no ônibus.

Temporada	Episódio	Data	Titulos (não originais)	Resumo	Temas abordados	Música	Destaque Michele
3	7	30/05/2017	Lima artista	Lima vira artista descolado. Brau fica com inveja e decide mudar sua música. Brau tem crise de apendicite.	inveja	Já é. Música de Brau.	Michele envia disco de Lima para produtor musical famoso, que vê talento no tecladista. A musa passa a ser empresária do novo fenômeno, Lima.
3	8	06/06/2017	Sabão Brasil	Participação especial: Elza Soares no programa OS Brau. Michele não aceita participar de campanha publicitária machista. Michele e Andreia vão até a agência falar com o responsável, descobrem que é uma mulher, Francis. Michele faz aposta com Brau, ele tem que fazer todo o trabalho dela. Brau e Lima não conseguem controlar as crianças e fazer as atividades de Michele. Andreia se une a Michele contra Francis. Para não perder o programa, que é patrocinado pela agência de Francis, Michele aceita fazer nova campanha machista. Michele se arrepende e faz vídeo grafitando uma peça da campanha com a ajuda de Andreia. Francis reverte a situação para o feminismo, pelo dinheiro e assina novo contrato com Michele.	Machismo	Trilha de fundo: Estranhou o que? Preto pode ter o mesmo que você	Posicionamento de Michele contra o machismo. Preocupação em dar exemplo para a filha.
3	9	13/06/2017	Uma noiva para Gomes	Dona Rosita reaparece e decide que Gomes precisa de uma noiva. Catarina finge ser nobre para ser noiva de Gomes.		não tem	
3	10	20/06/2017	Scarlett	Surge uma nova artista, Scarlett. Michele não gosta de novata, que tenta ser Michele. Scarlett dá em cima de Henrique. Scarlett rouba música de Brau. Andréia acha que Henrique a está traindo com Scarlett e quase os pega no flagra.	traição	Fama - Música de Brau roubada por Scarlett no episódio.	Michele percebe as más intenções de Scarlet com Henrique. Ela se une a Andréia para parar Scarlet. Michele descobre como desmascarar Scarlet.
3	11	27/06/2017	Pai da Michele	As crianças fazem a árvore genealógica da família. Brau vai atrás de pai de Michele. Pai de Michele conhece os netos e conta sua história. Michele e o pai se acertam. Brau faz confusão e acha que Henrique o está convidando para ser padrinho de Riquinho. Andréia é contra. Michele pede para a filha ser madrinha de Riquinho.	família, conservadorismo	Você (tim maia)	História de vida de Michele: saiu de casa para viver seu sonho.
3	12	04/07/2017	Casamento Lima	Lima se casa com uma advogada que resolve gerir seus negócios. A advogada começa a cobrar os direitos de Lima a Brau. A situação fica insustentável e Lima quer se separar sem perder metade do seu dinheiro para a mulher. Brau finge dar em cima de esposa de Lima, que filma tudo. Lima consegue se separar.		música tema de "A Grande Família"	Michele, influenciada pela advogada de Lima, tem surto de autoritarismo e magoa Gomes. A empresária decide refazer o contrato de Gomes. Michele e Gomes fazem as pazes.
3	13	11/07/2017	Egídio tem namorada	Michele e Brau caem na rotina e resolvem fazer uma loucura. As agendas não batem e eles agendam um horário para a loucura. A irmã mais nova de Andreia vem visitar. Egídio conhece a irmã de Andreia e ficam próximos. Andréia é contra o relacionamento dos jovens por preconceito racial. Michele vai enfurecida até a casa de Andreia. Catarina embriada todos para não brigarem. Egídio e Amanda fogem.	preconceito racial	Festa na favela: O amor é uma aventura.	Fúria de Michele ao saber do preconceito de Andreia contra o filho.

Temporada	Episódio	Data	Títulos (não originais)	Resumo	Temas abordados	Música	Destaque Michele
3	14	18/07/2017	Michele na novela	Michele está estrelando novela de sucesso na tv. Devido as cenas quentes de Michele com ator galã na novela, Brau acha que está sendo traído. Brau se separa de Michele, que decide ir para Paris com o ator galã. Brau se arrepende e vai atrás de Michele no aeroporto declarar o seu amor. Michele perdoa Brau e desiste da viagem.	ciúme, traição	Todas as religiões, negros blues. Música de Brau apresenta da no palco de "Os Brau".	Michele se torna ainda mais famosa que Brau ao estrelar famosa novela na televisão.

Fonte: Elaborado pela autora.

Após realizar uma primeira análise exploratória sobre a tabela, identificamos um número razoável de episódios que continham a representação de preconceitos claros contra os protagonistas da série: 20 ao total, em um universo de 45 episódios. Neste momento, foi necessário delimitar. Optamos por analisar apenas as situações preconceituosas direcionadas à Michele, pelos motivos apresentados na introdução. Neste momento, foi criada a coluna referente à personagem. A partir desta coluna, observamos as reações de Michele aos ataques preconceituosos. Desta, também pudemos perceber a existência da atuação de preconceitos com bases: racista, machista e econômica agindo sobre a personagem. O que sugeriu que a análise deveria ser orientada pela ótica da interseccionalidade. Entretanto, tendo em vista a complexidade desta perspectiva e pelo pouco tempo disponível para a realização deste trabalho, optamos por não utilizar o conceito de interseccionalidade no referencial teórico. Ao invés disso, delimitamos as situações a serem analisadas em apenas momentos onde machismo e racismo aparecem de maneira simultânea. Assim, tratamos estas categorias como sobreposições, de maneira a não recorrer ao aporte da interseccionalidade pelos motivos explicitados, apesar de estar ciente desta. Então, baseada nisso, realizamos o último recorte, delimitando o corpus de análise em quatro episódios, que são eles: segundo, sétimo e décimo terceiro da primeira temporada e oitavo episódio da terceira temporada.

Finalizada a delimitação do corpus, passamos para a leitura dos autores encontrados no momento da revisão de literatura e à elaboração do conteúdo teórico relacionado ao objeto (STUMPF, 2009). Após construídos os capítulos teóricos, voltamos a assistir os quatro episódios selecionados como corpus, afim de transcrevê-los de maneira a dar destaque às situações com ataques preconceituosos sobre

Michele. Posterior a estas descrições detalhadas de todas as cenas de cada episódio, foram criadas duas novas tabelas: uma destacando apenas as situações envolvendo machismo, e outra machismo e racismo sobrepostos, tendo Michele como vítima destas opressões. A tabela mostra também as suas devidas reações à estas agressões. Abaixo os cabeçalhos das tabelas.

MACHISMO			
Episódio	Situação	Teve resistência?	Descrição

MACHISMO / RACISMO			
Episódio	Situação	Teve resistência?	Descrição

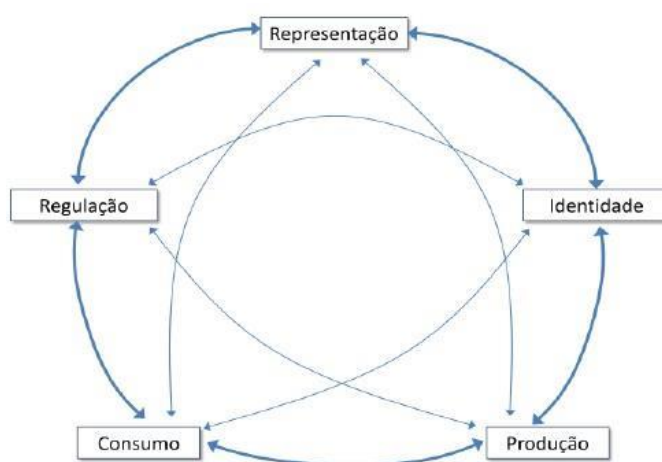
Na coluna episódio, identificamos o número e a temporada do episódio de cada situação destacada. Na coluna situação, fizemos breve descrição da cena/momento recortado. A coluna seguinte se refere às reações da personagem, ou seja, se ela reagiu ou não à agressão sofrida. Por fim, no último item, indicamos que atitude a personagem tomou em relação ao fato ocorrido. A partir então desta seleção de conteúdo, realizamos a análise, que foi dividida em duas partes. A primeira resultante da tabela relativa a situações envolvendo machismo e a segunda como resultado da tabela voltada para a sobreposição entre machismo e racismo. Vale ressaltar que dentre os conteúdos selecionados para serem analisados, estão incluídos diálogos, ações, posicionamentos e imagens. Todos estes foram tomados pela ótica da análise documental.

Apresentados os procedimentos metodológicos, seguimos com o referencial teórico construído com base em pesquisa bibliográfica. Tratamos sobre conceitos e perspectivas teóricas que nos ajudam a compreender o que é representação, raça, gênero e feminismo negro.

3 A REPRESENTAÇÃO A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS

No presente capítulo serão apresentados conceitos de representação a partir da perspectiva dos estudos culturais tomando como ponto de partida o “Circuito da cultura” apresentado por Du Gay (2003, p.8), que trata de representação, identidade, produção, consumo e regulação.

Figura 5: Circuito da Cultura proposto por Du Gay.



Fonte: Research Gate⁸

No referido circuito, a representação tem importância central dentro dos processos culturais, pois “Esta é uma das práticas centrais que produz a cultura e se apresenta como um momento-chave naquilo que tem sido chamado de ‘circuito da cultura’” (HALL, 2016, p. 17). Apesar de, segundo Du Gay (2003), para um estudo cultural complexo seja necessário analisar a totalidade de seus fenômenos, aqui, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, iremos nos deter apenas no nosso objetivo central: a representação de Michele no seriado *Mister Brau*. A partir disto, utilizaremos dos estudos da autora Vera Regina França (2004), a fim de uma apresentação mais geral do conceito e, posteriormente, nos aprofundaremos no nosso propósito através de Stuart Hall (2016).

⁸ Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-O-Circuito-da-Cultura-de-Du-Gay-et-al_278411619 Acessado em: 20 dez 2017.

Falar de representação não é objetivo simples, pois segundo França esta intersecciona as fronteiras da sociologia, psicologia e semiótica. Para a autora, a representação possui “dupla natureza (instauração de sentidos, inscrição material)” (2004, p.4) e suas dimensões simbólica e concreta estão em constante mutação. Acrescenta, ainda, que as representações estão

[...] intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade – elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade: por um outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. Na sua natureza de produção humana e social, têm uma dimensão interna e externa aos indivíduos, que percebem e são afetados pelas imagens (passam por processos de percepção e afecção) – e, desses processos, as devolvem ao mundo na forma de representações. (FRANÇA, 2004, p. 06)

A fim de nos aprofundamos no conceito de representação, nos apropriamos do pensamento de Hall (1997), quando trata do tema no *circuito da cultura* proposto. Para ele, “*Representações ligam sentido e linguagem à cultura*” (2016, p. 15). O autor ainda explica a relação que a representação tem com a cultura e o sentido:

Um uso corrente do termo afirma que: “Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representa-lo a outras pessoas.” Pode-se perguntar com toda a razão: “Mas isso é tudo?” Bem, sim e não. Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. Entretanto, esse é um processo longe de ser simples e direto [...] (HALL, 2016, p.31)

Dada a complexidade que envolve o tema, já apontada por França, Hall sugere a vinculação à uma perspectiva construtivista para compreender a representação. Ela tem como função explicar como a linguagem é empregada, a fim de representar o mundo, tendo como uma de suas abordagens, a semiótica. Dentro desta abordagem da teoria, a representação

[...] é a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem. É a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos *referirmos* ao mundo “real” dos objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios. (HALL, 2016, p.34)

Um dos sistemas do processo de significação da cultura, que nos permite alcançar a compreensão de forma plena, segundo o autor, chama-se mapa conceitual.

Este tem por função gerar uma cadeia de equivalências entre coisas e somente indivíduos pertencentes a uma mesma cultura são capazes de compartilhar de um mesmo mapa, ou seja, são os únicos a conseguir a troca efetiva de significação, pois estes compartilham da mesma forma de interpretar signos de linguagem. Com relação aos signos, estes “indicam ou representam os conceitos e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultura.” (HALL, 2016, p. 37)

O processo da representação é então responsável por unir “coisas”, conceitos e signos, e reside, segundo Hall, “no cerne da produção do sentido na linguagem” (2016, p.38). Sendo assim, o sistema de representação depende

[...] da construção de um conjunto de correspondências entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos (2016, p.19).

Para que haja entendimento entre indivíduos é necessária, ainda, a existência de códigos que permitam a fixação da relação entre signos e conceitos, que pode ser tratada como uma tradução entre linguagem e conceito. Entretanto, Hall deixa bem claro que “Esta “tradutibilidade” não é dada pela natureza ou fixada por deuses, mas é criada socialmente e na cultura, como o resultado de um conjunto de convenções sociais.” (2016, p. 42). E explica que é ainda na infância que nos tornamos “sujeitos culturais”, uma vez que é quando absorvemos de forma inconsciente os códigos de representação que nos permitem posteriormente nos expressarmos e compreendermos os conceitos e ideias transmitidos dentro do mesmo sistema.

Estas discussões sobre o conceito de representação também encontram evidente consonância com o que é debatido acerca do conceito de identidade. Embora o objetivo deste estudo não seja analisar a construção da identidade de Michele, consideramos que seja profícuo delinear alguns conceitos a fim de complementar o tema da representação. Muniz Sodré confirma esta aproximação entre identidade e representação:

Identidade é algo implícito em qualquer representação que fazemos de nós mesmos. Na prática, é aquilo de que nos lembramos. A representação determina a definição que nos damos e o lugar que ocupamos dentro de um certo sistema de relações. (SODRÉ, 1999, p. 35)

Portanto, a partir daqui nos debruçamos sobre a problemática da construção da identidade negra a partir de suas representações nos meios de comunicação. Adentrando este tema, é possível afirmar que, segundo Silva e Canto (2008), historicamente diversos processos alimentaram a construção negativa das representações sociais do negro, onde a ideologia do branqueamento tem forte influência.

No Brasil, assim como na América Latina, a formação de uma identidade nacional e de uma cultura nacional se opuseram às identidades e culturas dos grupos não-hegemônicos. O Estado-nação do Brasil estabeleceu como referência para a cultura massiva os atributos da cultura branca europeia, desestruturando e ao mesmo tempo absorvendo das culturas negras e indígenas o tempero para a aclimatização e melhor aceitação da cultura hegemônica. (ARAÚJO, 2000, p.34)

Apesar da contraposição entre identidade nacional e identidade negra, Joel Zito Araújo (2000) ainda aponta que existem indicadores de que a visibilidade da identidade negra vem crescendo dentro o grupo dos afrodescendentes. Entretanto, é muito forte, no inconsciente do brasileiro, o ideal do “branqueamento”. Este fenômeno se dá devido ao mito da democracia racial brasileira, onde era defendida a miscigenação cultural, que resultaria no clareamento da parcela negra da população. Isto porque a sociedade vista como ideal no final do século XIX e início do XX era totalmente eugenista. Tal visão era defendida tanto pela elite intelectual, quanto pela imprensa, como afirma Araújo (2000) em referência aos trabalhos da autora Lilia M. Schwarcz⁹.

O autor ainda acrescenta que, nos anos de 1950, a chegada da televisão no Brasil veio embasar o papel das mídias no que tange à afirmação de uma identidade nacional, promovendo assim um aumento na dificuldade de identificação do “que é negro no país” (2000, p. 35).

A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma

⁹ Lilia Katri Moritz Schwarcz é uma historiadora e antropóloga brasileira. É doutora em antropologia social pela Universidade de São Paulo e autora de importantes obras como *Raça e diversidade* e *As Barbas do Imperador*. Também é fundadora da editora Companhia das Letras.

maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele. (SODRÉ, 1999, p. 243.)

Dada a relevância das mídias nos processos de construção da representação da identidade negra, e o fato de que 97,1% dos lares brasileiros possuem aparelho de televisão, segundo pesquisa do IBGE de 2015, no próximo subcapítulo iremos abordar a representação do negro na televisão brasileira. Para fins de um recorte com resultados mais expressivos, nos concentraremos nas telenovelas por apresentarem maior volume de estudos no que se refere à temática que se deseja abordar. Serão utilizados como referência os autores Joel Zito Araújo (2000), Muniz Sodré (1999), Stuart Hall (1999), Lélia Gonzalez (1984) e Tavares e Freitas (2010).

3.1 REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA TELENOVELA

Estamos em pleno século XXI, num país onde mais da metade da população se auto declara negra, segundo dados do IBGE de 2015, e a grande questão é: Vemos essa grande parcela da nossa sociedade sendo representada na tela da tevê? Não há representatividade no que tange à participação de atores e atrizes negras nas ficções apresentadas diariamente nas emissoras brasileiras. Uma das justificativas iniciais que poderiam ser apontadas, ficam por conta da simples falta de oportunidades conferidas a atores e atrizes afrodescentes em relação a papéis de destaque, segundo Joel Zito Araújo (2000). Esta falta de oportunidades, pode ser vista e de certa forma explicada com

[...] o deslanche da modernização brasileira, ao atrelar-se aos investimentos em meios de comunicação, não vislumbrou a totalidade do proletariado brasileiro, ao não oficializar a obrigatoriedade da participação e presença afro-brasileira nas produções em comunicação. Considerando as pressões estruturantes dessa ausência, ainda nos anos de 1930, criava-se pois, um habitus de invisibilidade que, até bem pouco tempo, parecia deixar as audiências brasileiras muito confortáveis. (TAVARES; FREITAS, 2010,p. 210)

O que se pode verificar, acerca da presença de personagens negros é uma participação resumida em papéis menores. Esta representação pode caracterizar

desprezo ou subserviência, o que demonstra o lugar inferior reservado ao negro não apenas na televisão, como também na vida cotidiana, culminando em uma crise de representações do negro, afetando as referências e o imaginário sobre o que é ser negro no Brasil. Segundo Tavares e Freitas (2010).

O imaginário é categoria importante para se entender muitas das representações negativas do cidadão negro, quando se considera que, desde o século passado, o africano e seus descendentes eram conotados nas elites e nos setores intermediários da sociedade como seres fora da imagem ideal do trabalhador livre, por motivos eurocentrados. O imaginário racista veiculado pelas elites tradicionais pode ser hoje reproduzido logotecnicamente, de modo mais sutil e eficaz, pelo discurso mediático-popularesco, sem distância crítica do tecido da civilização tecnoeconômica, onde se acha inscrustada a discriminação em todos os seus níveis. (SODRÉ, 1999, p. 244.)

A representação inferiorizada de negros não é algo exclusivo e originário da teledramaturgia nacional. Segundo Araújo (2000), este fenômeno acompanha os estereótipos e personagens da dramaturgia norte-americana. Stuart Hall (2016) aponta a estereotipagem como conjunto de práticas representacionais, que quando exercem função de produção de sentido, têm grande importância na formação da representação de diferença racial.

“Estes se *apossam* das poucas características simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é *reduzido* a esses traços que são, depois, *exagerados* e *simplificados*. (HALL, 2016, p.191)

Araújo (2000) nos mostra que, nas primeiras telenovelas brasileiras, a presença de atores negros era pequena e os papéis inexpressivos. A primeira personagem negra de destaque na tevê nacional, Mamãe Dolores, vivida por Isaura Bruno na novela *Direito de Nascer* (TV Tupi), de 1964, foi uma clara reprodução de estereótipo, que segundo o autor, fora uma cruzada do estereótipo clássico da mãe negra, presente na literatura e teatro brasileiros e a *mammie*, um estereótipo norte-americano de sucesso. O autor confirma uma “desconfiança na capacidade dos negros em desempenhar papel de protagonista de uma telenovela” (ARAÚJO, 2000, p.94), quando cita o exemplo do *blackface*, ocorrido na novela *A cabana do pai Tomás* (Rede Globo) em 1969. Além de escalar o ator branco Sérgio Cardoso, pintado de negro para um personagem originalmente negro, também há a presença de estereótipo em *Pai Tomás*, o *Tom*, comum na tevê norte-americana e que tem por característica ser

“o preto velho serviçal, fiel, resignado e ao mesmo tempo bondoso, sábio e digno, o negro de alma branca.” (ARAÚJO, 2000, p.93)

Figura 6: Pai Tomás e Cloé, em *Cabana do Pai Tomás*.



Fonte: Teledramaturgia¹⁰

Já nos anos 1970, o autor aponta uma tentativa de ascensão e realismo na construção dos personagens negros, e um dos exemplos mais marcantes pode ser verificado em *Pecado Capital* (Rede Globo), no doutor Percival, psicólogo interpretado por Milton Gonçalves. Apesar da inovação em trazer um negro de classe média com formação universitária, este deixava a desejar por falta de profundidade. Além disto, no decorrer da trama, o destino de Percival esbarrou nos preconceitos da sociedade brasileira, que pressionou a produção do folhetim contra um romance entre o personagem de Milton e uma mulher branca, também integrante da classe média.

Apesar das tentativas, principalmente de Janete Clair, segundo Araújo (2000), de trazer personagens negros de alto estrato social, esta década, assim como a anterior, também persistiu na representação do negro através de estereótipos. Em muitas das vezes, o negro acabou por aparecer como anjo da guarda de personagens brancos e/ou em posições subalternas “[...] estereótipos clássicos sobre o negro,

¹⁰ Disponível em: <http://www.teledramaturgia.com.br/a-cabana-do-pai-tomas/>. Acessado em: 14 out 2017.

como a mãe preta/*mammie*, o pai João/*Tom*, o moleque negro, a criadinha fiel, o jagunço e o malandro carioca.” (ARAÚJO, 2000, p.138)

Joel Zito Araújo (2000) destaca o que ele chama de “Ciclo abolicionista da televisão brasileira”. Neste ciclo, houveram diversas novelas com enredos relacionados ao abolicionismo e, logicamente, muitos papéis de escravos e ex-escravos reservados para atores negros. Entretanto, os personagens negros foram apresentados como dóceis, submissos e fiéis aos seus senhores, onde o protagonismo pela conquista da abolição da escravatura ficava invariavelmente nas mãos dos personagens brancos. O autor aponta ainda como trágico “[...] a única personagem afro-brasileira que demonstrou consciência de sua época e orgulho de si mesma, foi a escrava Isaura, interpretada por uma atriz branca.” (ARAÚJO, 2000, p. 187). Porém, a partir de 1978, vislumbrou-se o início de mudança na mentalidade sobre a participação dos negros no processo de sua abolição. A grande ênfase dessa mudança foi apresentada na novela *Pacto de Sangue* (Rede Globo), de 1989, onde o orgulho negro veio à tona. Na trama, foram apresentados personagens negros com consciência racial e importantes posições sociais, como Mãe Quitinha (Ruth de Souza), uma chefe de quilombo e Baoni (Angela Corrêa) uma líder guerreira. Acerca destas representações, Araújo ainda comenta

Independente da estilização dos personagens negros, na realidade uma correspondência com o tratamento que os personagens brancos costumam receber nos romances históricos, esse foi o melodrama que tratou do fim da escravidão a partir de um ponto de vista mais próximo ao que a militância negra poderia esperar na passagem dos cem anos da abolição. [...] existiam ali casais negros, famílias afro-brasileiras, e personagens de mulatos, todos eles demonstrando orgulho de sua ascendência africana. (2000, p.223)

Saindo da temática da escravidão, Araújo (2000) aponta que a questão racial nas décadas de 80 e 90 não esteve no centro de suas tramas. Apesar disto, a tônica do racismo marcou presença nas telenovelas de enredos contemporâneos de ambas as décadas. Ele destaca a personagem Sônia, interpretada por Zezé Motta em *Corpo a Corpo* (Rede Globo), uma arquiteta que se envolve com um filho branco de família rica, Cláudio Fraga Dantas, vivido pelo galã da época, o ator Marcos Paulo. O casal enfrenta diversas armações fundamentadas no racismo dos vilões do folhetim, antes de enfim ficarem juntos. Apesar da crítica ao racismo protagonizada pelo casal, os

demais personagens negros da trama não possuíam qualquer fundo crítico, ao contrário, eram dóceis, como descrito pelo autor.

Figura 7: Mãe Quitinha em *Pacto de Sangue*.



Fonte: Astros em Revista¹¹

Uma tentativa de representação da família negra de classe média foi tentada por Dias Gomes na novela *Mandala* (Rede Globo), em 1987. Apesar do esforço em inserir a família em grande parte do enredo do folhetim, o tópico do racismo ficou restrito aos atritos com o vilão Creonte (Gracindo Jr.). Araújo (2000) mostra ainda que é visível o uso de estereótipos nos personagens Jonas (Grande Otelo) e sua filha Eurídice (Aída Leiner), sendo o primeiro um bêbado e a segunda uma representante do estereótipo recorrente da “mulata sensual e sedutora”, fortemente presente na literatura nacional.

Já em 1994, o autor aponta a ocorrência de “[...] uma das cenas mais racistas da televisão brasileira” (2000, p.270) que desencadeou protestos por parte da entidade Geledés/SOS Racismo e dias depois, de mais outras três entidades negras paulistas. A cena polêmica apareceu na novela *Pátria Minha* (Rede Globo), onde o personagem Kennedy (Alexandre Moreno), um jardineiro é acusado de roubo pelo vilão da trama, Raul Pelegrini (Tarcísio Meira), e em seguida é alvejado por uma

¹¹ Disponível em: <http://astrosemrevista.blogspot.com.br/2012/07/ruth-de-souza-nas-novelas.html>.
Acessado em: 14 out 2017.

enxurrada de ofensas racistas que inferiorizavam intelectualmente a vítima. O que gerou revolta nas entidades negras não foi a agressão racista em si, mas a reação passiva do jardineiro, que ouve calado todos os ataques do vilão e por fim baixa a cabeça e sai de cena. Como reivindicado pelo Geledés, dias depois a personagem negra de maior relevância do folhetim, Zilá (Chica Xavier), em conversa com Kennedy, conscientiza este sobre a importância de se impor contra o racismo, demonstrando assim o seu posicionamento forte contra a discriminação racial.

Araújo (2000) aponta como tentativa mais bem-sucedida de representar a família negra de classe média na telenovela *A próxima vítima* (Rede Globo), no ano de 1995, pois pela primeira vez a simpatia da audiência foi conquistada. Isto se deve, segundo o autor, pelo fato de que Os Noronha foram apresentados como uma família comum, que poderia ser de qualquer etnia, pois a temática do preconceito racial não aparecia como fator principal dentro desta. As problemáticas tratadas internamente neste núcleo giravam em torno do preconceito, do elitismo, do machismo, do conservadorismo e até um suposto racismo de forma invertida, do patriarca da família em relação ao namorado branco da filha caçula, Patrícia (Camila Pitanga). Assim como em *A próxima vítima*, militantes negros fizeram reivindicações acerca de uma quase ausência de conduta preconceituosa, no contexto onde a família foi alocada e seu pedido foi atendido. Alguns capítulos adiante, foram evidenciadas cenas de preconceito racial, partido de moradores de um condomínio classe média, onde os Noronha haviam adquirido um imóvel.

Em 1997, nas novelas *Anjo Mau* (Rede Globo) e *Por Amor* (Rede Globo), Araújo (2000) salienta que enfim o racismo deixa de ser exclusividade de vilões e começa a fazer parte de enredos mais complexos, trazendo situações ambíguas, uma vez que começa a ser retratado em amigos, parentes e amores de personagens negros. Em *Anjo Mau*, o autor destaca a personagem Dona Cida, vivida por Léa Garcia, caracterizada como bondosa mãe negra, que é renegada pela filha que nasceu com pele branca, assim como a do pai. Dona Cida coopera com o segredo que a filha faz sobre a mãe biológica, por acreditar ser difícil para a conquista de um bom casamento, ser filha de uma mulher negra. Como compensação do ninho vazio, Dona Cida adota uma menina de rua, Vivian, interpretada por Taís Araújo, e que ao contrário de Tereza (Luiza Brunet), a filha biológica, tem forte posicionamento no que tange a identidade

e orgulho racial. Vivian ainda enfrenta os estereótipos que se constroem em torno da mulata brasileira.

Figura 8: Dona Cida, Vivian e Bruno em Anjo Mau.



Fonte: Site Gshow.¹²

[...] a atriz Taís Araújo – que já tinha conquistado o papel principal em *Xica da Silva*, da Rede Manchete, tornando-se assim a primeira protagonista negra da telenovela brasileira – em *Anjo mau* começa a consolidar uma tendência das telenovelas recentes de dar espaço para papéis que ressaltam a beleza e o talento dos personagens negros; tendência iniciada em *Fera ferida*, com os atores Norton Nascimento e Camila Pitanga. (ARAÚJO, 2000, p. 302)

Apesar de Araújo salientar esta tendência de fornecer melhores papéis para atores negros, segundo dados levantados por Grijó e Souza (2011), das 53 novelas brasileiras exibidas entre 2000 e 2010, foram conferidos apenas três papéis de protagonista a atrizes negras, além do fato de quatro dos folhetins analisados não apresentarem um personagem negro sequer. Das três protagonistas negras encontradas na pesquisa, duas foram interpretadas por Taís Araújo, Preta, em *Da cor do pecado* (Rede Globo) e Helena em *Viver a vida* (Rede Globo). A terceira

¹² Disponível em: <http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/04/tais-araujo-relembra-estreia-na-globo-em-anjo-mau-aos-18-anos-personagem-difícil-de-fazer.html> . Acessado em: 14 de out 2017.

protagonista foi interpretada por Camila Pitanga, Rose em *Cama de gato* (Rede Globo). Dentre as três protagonistas, os autores destacam a personagem Helena, uma modelo de sucesso, de alto padrão social que se casa com um homem mais velho, o que gera embates com a filha dele, a também modelo, Luciana (Aline Moraes). Apesar de protagonista, Helena acaba perdendo destaque no folhetim para a personagem Luciana, que fica tetraplégica e culpa a madrasta pelo acidente. A primeira Helena negra da história, apresenta como característica a submissão, uma representação da negritude repetida constantemente na história da teledramaturgia nacional, como mostrado por Araújo (2000). Grijó e Souza (2011) concluem que

O negro saiu da cozinha e da favela, virou patrão, médico, modelo, entretanto foi apenas uma minoria, pois em grande parte das telenovelas ainda continuou em papéis de empregados, favelados, bandidos, malandros etc. O imaginário de sensualidade e de erotismo exacerbado também ainda permeou essas representações. (p. 15)

Figura 9: Helena na novela *Viver a Vida*.



Fonte: Click RBS¹³

Ou seja, em grande parte dos papéis reservados para atores afrodescendentes, o que se encontra são representações de caráter subalterno da raça negra. Mesmo os protagonistas acabam sofrendo de alguma parte uma representação negativa, como pode ser observado na submissa Helena. E ainda é possível apontar a

¹³ Disponível em: <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2015/03/relembre-as-mocinhas-mais-chatas-da-televisao-brasileira-4729826.html>. Acessado em: 14 de out 2017.

confirmação do ideal de embranquecimento, salientado por Araújo (2000), presente e sendo reafirmado em boa parte das tramas aqui citadas, uma vez que Sônia de *Corpo a corpo*, Eurídice de *Mandala*, Zilá de *Pátria minha*, Patrícia de *A próxima vítima*, Vivian de *Anjo mau*, Helena de *Viver a vida* e Preta de *Da cor do Pecado*, entre tantas outras que não foram citadas, se relacionam, casam ou namoram personagens brancos, como pode ser verificado em Araújo (2000) e Grijó e Souza (2011).

Expostos o conceito de representação e as representações do negro na teledramaturgia nacional, por intermédio das novelas, daremos continuidade ao trabalho através das conceituações de raça e gênero, afim de compreendermos melhor as bases nas quais estão fundamentadas estas representações.

4 O RACISMO E O MACHISMO PELAS PERSPECTIVAS DO GÊNERO E DA RAÇA

Neste capítulo, tratamos sobre conceitos que remetem aos fenômenos encontrados no corpus, permitindo a construção de um arcabouço teórico para a posterior análise do nosso objeto. Para tanto, exploramos os conceitos acerca de “raça” a partir de Sodré (1999), Hall (2003) e Gonzalez (1984); de “gênero” apoiados em Louro (1997) e Butler (2003), e traçamos uma breve contextualização histórica do feminismo negro a fim de compreender as relações entre gênero e raça a partir de hooks (2015), Brah (2006), Crenshaw (2004), Carneiro (1995), (2003) e (2011), Collins (2017) e Gonzalez (1980). O objetivo é compreendermos do que tratam estes marcadores sociais para que possamos analisar os fen menos de opressão relacionados a eles.

4.1 O MARCADOR DE RAÇA

Para Muniz Sodré (1999) o conceito de raça não deve ser aplicado a seres humanos, uma vez que a única raça existente   a raça humana. Explica que diferentes cargas genéticas se manifestam em variadas formas fenotípicas, ou seja, resultam em distintos tipos físicos. Estes traços podem ser incorporados por um processo de etniza  o. As etnias são criações das classes dirigentes, que tem por função diferenciar estas diversas manifestações fenotípicas, assim permitindo um melhor controle das contradições sociais, no que se refere a construção do Estado.

Falar-se de raça são   admissível como noção culturalmente (e jamais biologicamente) marcada, donde a possibilidade da “relação racial”, isto é, aquela caracterizada por dissimetria nas relações hierárquicas e simbólicas entre seres humanos em virtude de diferenças fenotípicas. (SODRÉ, 1997, p.194)

Diferentemente de Sodré, Hall (2003) diferencia os conceitos de raça e etnia, sendo o primeiro caracterizado pelas diferenças visíveis, ou físicas do indivíduo, aquelas que se manifestam fenot picamente como apontado por Sodré. Já etnia refere-se às práticas culturais e religiosas do sujeito. Embora o critério de aparência física também possa ser aplicado, este ocorre em menor escala se comparado a

utilização na classificação de raça. Em suma, quando falamos em raça, estamos tratando dos traços visíveis do corpo humano, enquanto etnia engloba as práticas que se manifestam em determinado grupo caracterizado por tal característica física.

Entretanto, Hall concorda com Sodré no que se refere a não considerar raça uma categoria científica, definindo-a como “uma construo política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioecon mico, de explorao e de exclusão – ou seja, o racismo.” (HALL, 2003, p.69). O autor afirma a existência de uma lógica própria para o racismo, já que através dele tenta-se justificar diferenas sociais e exclusão racial, o que acaba tornando a diferena racial entre as relaoes humanas fixa e científica. A opressão é defendida por um argumento essencialista que se baseia “em termos de distinoes genéticas e biológicas”. (HALL, 2003, p.69).

Das diferenas fenotípicas em que se baseiam as relaoes hierárquicas, Sodré afirma que esta relao “pressupõe uma identidade baseada na fico intitulada ‘raça’ e se concretiza sempre no quadro das relaoes raciais de dominao dos atores sociais.” (1999, p. 194) Sodré, apoiado nos estudos Taguieff¹⁴, aponta ainda uma falta de fundamento científico para a ideia de raça, assim como um equívoco na noo de racismo. Isto porque Taguieff apresenta duas classes de racismo: o universalista, onde o indivíduo ou grupo não tem valor, este sequer existe; e o diferencialista, onde o outro é absolutamente o outro, nem mesmo pertence a mesma espécie humana. Destes, Taguieff sugere quatro grandes tipos de racismo, os quais deixam claro que as construoes acerca do racismo são representaoes fundamentadas naquilo se entende como raça, segundo Sodré (1999)

1. *Racismo universalista de tipo espiritualista* – enunciado básico: as raças evoluem e tornam-se superiores na razão direta do progresso civilizatório.
2. *Racismo universalista de tipo biomaterialista* – enunciado básico: há raças atrasadas e raças adiantadas, cabendo às últimas posio superior numa escala hierárquica entre os homens.
3. *Racismo diferencialista de tipo espiritualista* – enunciado básico: as identidades espirituais das raças ou mesmo grupos humanos são radicalmente diferentes e impermeáveis umas às outras, não havendo aproximao cultural possível.

¹⁴ “Nestas duas obras o filósofo e cientista político francês explicita longamente o seu modelo dual de análise da relao racial”. (SODRÉ, 1999, p.194)

4. *Racismo diferencialista de tipo biomaterialista* – enunciado básico: a miscigenação ou cruzamento inter-racial viola as leis naturais, já que não há hibridização aceitável entre as raças humanas. (SODRÉ, 1999, p.195)

Hall (2003) chama de racismo biológico aquele que se baseia em características como a cor da pele como parâmetro, pois diferenças genéticas são mais facilmente visíveis nos significantes corporais. Ele aponta que a negritude é vista como maior signo de aproximação com a natureza, o que conseqüentemente traz uma maior probabilidade de os indivíduos que carregam este fenótipo sejam mais preguiçosos e indolentes, além da falta de capacidade intelectual, impulsos emotivos e não racionais, hipersexualização, violência e etc.

Além de toda esta conotação depreciativa que se configura em torno do sujeito afrodescendente em decorrência desta aproximação com a natureza, em uma reinterpretção realizada por Gonzalez sobre a teoria de lugar natural de Aristóteles, ela diz que o lugar natural do negro

[...] da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitaçãois” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço[...] No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão. (1984, p.232)

Os autores mostram que a diferenciação por intermédio da raça tem por função rebaixar os indivíduos afrodescendentes na hierarquia social. Não há diferença biológica factual que embase esta separação de indivíduos de fenótipos diferente ao do grupo dominante, afinal são todos pertencentes à raça humana. O que se tem é exploração e exclusão na esfera do poder econômico, ou seja, o racismo como apontado por Hall. O fator raça é ainda utilizado para embasar as ideias que constroem os conceitos por trás do racismo, uma vez que a natureza da negritude supostamente imprimiria aos negros características de inferiorização, além de tornar “normal” o local subalterno onde estes se encontram. Estas ligações estabelecidas do racismo com a natureza são o ponto em comum deste, com o sexismo, uma vez que também tem a biologia como destino, segundo Hall (2003).

4.1 O MARCADOR DE GÊNERO

O conceito de gênero foi historicamente desenvolvido tendo como pano de fundo o despontar das lutas feministas. Em sua primeira onda, no início do século XX, o feminismo foi organizado por um grupo de mulheres brancas de classe média da Inglaterra que tinha como objetivo a conquista do direito ao voto e ao acesso ao mercado de trabalho. Até essa época, não havia distinção entre sexo e gênero, o sexo era visto como dispositivo de poder, no entanto, Louro (2003) reflete sobre estas consequências:

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social. (p.21)

Por volta de 1970, o feminismo inaugura a sua segunda onda, quando outros grupos de mulheres começam a integrar o movimento, criando subdivisões dentro do mesmo¹⁵. É nos anos 1990 que as discussões sobre sexo/sexualidade passam a ser amplamente debatidas dentro de um campo teórico denominado estudos de gênero. A partir de então, a explicação das diferenças entre sexo e gênero começam a ser delineadas. Judith Butler é autora que se destaca neste campo por ter articulado o pensamento feminista desenvolvido até então à uma perspectiva filosófica pós-estruturalista. Com isso, propõe um conceito de gênero que inaugurou uma nova corrente dentro deste campo:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco aparentemente tão fixo quanto o sexo. (BUTLER, 2003, p.24)

Ou seja, gênero é algo em constante construção, um processo, não está definido antes da sua formação própria. É necessário deixar de lado universalismos e compreender a existência de várias formas de representação do masculino e do

¹⁵ Discorreremos mais sobre este ponto no subcapítulo seguinte.

feminino, uma vez que fatores como etnia, religião, raça e classe influem nessas diferentes constituições (LOURO, 2003).

A autora, ao citar Joan Scott¹⁶, concorda com o pensamento de Butler (2003), ao indicar a necessidade de desconstruir a binaridade fixa que oposiciona o masculino e o feminino. Isto porque este fenômeno tem como consequência a polarização dos gêneros, tornando homens e mulheres sujeitos de posições opostas, que se relacionam por intermédio da dominação-submissão.

No “jogo das dicotomias” os dois polos diferem e se opõem e, aparentemente, cada um é uno e idêntico a si mesmo. A dicotomia marca, também a superioridade do primeiro elemento. Aprendemos a pensar e a nos pensar dentro dessa lógica e abandoná-la não pode ser tarefa simples. (LOURO, 2003, p.31)

É então, por intermédio da desconstrução destas dicotomias, que as polarizações seriam problematizadas em suas oposições e unidades internas, ou seja, nas formas com que operam como dispositivos de hegemonia. Disto, resultaria uma pluralização de cada polo, uma vez que existem diversas formas de feminino e masculino, assim como também um está contido no outro. Além de também gerar uma perturbação na relação de dominação entre masculino e feminino, demonstrando os diferentes sentidos que o poder pode tomar, segundo Louro (2003).

Butler salienta que o gênero é utilizado como “marca” de diferença biológica, linguística e/ou cultural.” Pois ele “pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe *em relação* a outro significado oposto.” (2003, p. 28) Desta forma, a autora salienta que a definição do feminino se dá em relação ao masculino, este último é tido como uma espécie de “parâmetro”, de forma a dar aos homens a posição “de uma personalidade universal que transcende o corpo.” (2003, p.28). Citando a crítica de Monique Wittig, Butler embasa a afirmativa que só há um sexo, e este é feminino, de forma a reafirmar a posição fixa de pessoa universal ao masculino. Pois para Wittig, “dentro desse conjunto de relações sociais compulsórias, as mulheres se tornam ontologicamente impregnadas de sexo; elas são seu sexo, inversamente, o sexo é necessariamente feminino.” (2003, p.165). Em resumo, Butler retoma este

¹⁶ Joan Scott é historiadora norte-americana que escreve, em 1986, um artigo instigante: *Gender: a useful category of historical analysis*. (LOURO, 2003, p.30)

pensamento a fim de demonstrar que, para uma sociedade regida por uma hegemonia masculinocêntrica, a mulher só é “mulher” quando encontra-se alinhada ao seu papel sexual. Este papel, por sua vez, se dá em relação ao homem. Ou seja, as performances do feminino existem em relação ao masculino. Por este motivo, Wittig realiza uma provocação ao considerar que a lésbica, aos olhos desta sociedade, não seria uma mulher.

Ainda com referência à Wittig, a autora afirma que a linguagem por intermédio dos sujeitos falantes, tem poder de “criar ‘o socialmente o real’” (BUTLER, 2003, p. 167), pois acredita que dada a repetição de atos dentro da linguagem, estes com o tempo se tornariam “fatos” – uma tautologia. E refere que os homens seriam estes sujeitos com direito de fala autorizada, uma vez que estruturas sociais e históricas legitimam este direito, ao passo que o suprimem das mulheres. Apoiada na psicanalista feminista Julia Kristeva, Butler (2003) considera que a narrativa patriarcal dominante seria aquilo que organiza o concreto e o simbólico no espectro da cultura. Saffioti (2004), ao discorrer sobre de que forma o sexismo é construído e naturalizado na cultura, complementa:

As mulheres são ‘amputadas sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem coragem (SAFFIOTI, 2004, p.35).

Através destes pensamentos, compreendemos a relação de poder que se estabelece entre o masculino e o feminino em virtude das suas posições binárias opostas, onde o relacionamento entre eles se dá por intermédio da dominação do segundo pelo primeiro. O masculino é visto como pessoa universal e responsável pelas construções dos fatos, por ser o sujeito autorizado à fala. Tal condição deixa clara a posição desigual dada ao gênero não dominante, uma vez que este não tem nem seu direito de fala garantido, sendo assim construído através do homem. Portanto, o conceito de gênero está em constante construção e modificação, uma vez que este é construído no âmbito das relações sociais e tem como variáveis outros marcadores identitários como sexualidade, raça, etnia, religião, classe, entre outros; além dos momentos históricos e sociais que o constituem. Considerando todas as problemáticas acerca do gênero, e principalmente as variáveis raciais, observamos a seguir o despontar histórico do feminismo negro e suas contribuições teóricas.

4.2 FEMINISMO NEGRO: ARTICULAÇÕES ENTRE GÊNERO E RAÇA

O caminho para o feminismo contemporâneo, de acordo com bell hooks¹⁷ (2015), foi inaugurado em 1963, pelo livro *The feminine Mystique* de Betty Friedan. Apesar de sua contribuição ao dar início à pavimentação de uma perspectiva teórica feminista, a grande crítica construída por hooks sobre a obra de Friedan funda-se principalmente na sua total ausência de preocupação com as questões raciais e sociais, herança das articulações da primeira onda do feminismo. Betty Friedan apoia seus estudos nas problemáticas enfrentadas pelas mulheres brancas de classe média, casadas e com diploma universitário, que almejam um espaço no mercado de trabalho, em situação de equidade para com os homens. Friedan afirma ter preocupação com todas as mulheres americanas, ficando subentendido que as mulheres americanas às quais ela se refere seriam brancas, de classe média e com formação superior. Ela não demonstra qualquer preocupação com quem ocuparia as tarefas domésticas, que as americanas deixariam de fazer, em prol do seu grande objetivo, ganhar o mercado de trabalho, como mostra hooks (2015).

Apesar da crítica, a autora reconhece Friedan como uma das maiores formadoras do pensamento feminista. Porém, aponta para o fato de que

O racismo abunda nos textos de feministas brancas, reforçando a supremacia branca e negando a possibilidade de que as mulheres se conectem politicamente cruzando fronteiras étnicas e raciais. A recusa feminista, no passado, a chamar a atenção para hierarquias raciais e as atacar, suprimiu a conexão entre raça e classe. (hooks, 2015, p.195)

bell hooks (2015) infere ainda que feministas brancas atuavam como se mulheres negras fossem ignorantes à existência da opressão machista. As feministas do grupo dominante se enxergavam como as grandes responsáveis por apresentar o feminismo a estas mulheres. Ou seja, ignoram o fato de que faz parte do histórico de vida de muitas dessas mulheres de outras raças/etnias os confrontos com o sexismo e o patriarcalismo.

Na década de 1970, segundo Avtar Brah (2006), ainda havia pouco interesse acadêmico em falar de exploração de gênero no campo do trabalho, do racismo dentro de políticas de estado e nas práticas culturais na Grã-Bretanha. Também era raro o

¹⁷ “bell hooks” é propositalmente escrito com letras iniciais minúsculas. Simboliza o pensamento da autora de que o relevante são as ideias, e não as formas.

interesse das teorias e práticas feministas de estudar as particularidades das opressões sofridas pelas mulheres negras. Isto, somado ao contexto britânico onde eram vistos como negros os grupos africanos-caribenhos e os do sul da Ásia, acabou gerando uma formação de feministas negras separadas do movimento de libertação das mulheres (brancas).

A organização das mulheres de ascendência asiática ou africana, por ser composta por mulheres de etnias tão diversificadas, continha dentro do grupo visões políticas e de racismo distintas, e até participantes não feministas. A organização tentava tratar das temáticas comuns a todas elas: as práticas patriarcais, o racismo e a desigualdade de classe. A grande heterogeneidade destas mulheres, que suscitava diferentes formas de encarar os problemas sociais, de gênero, de raça, de etnia, religião e etc., levou à desfragmentação da organização na década de 1980, como salienta Brah (2006). Entretanto, as feministas negras seguiram suas críticas direcionadas às teorias e práticas feministas, fomentando a inclusão do marcador de raça como central nas relações de gênero. A autora ainda cita como exemplo o artigo *White Women: Listen!* de Hazel Carby, que critica importantes conceitos para a causa feminista, como: patriarcado, família e reprodução.

Para Brah (2006), de certa forma as críticas foram ouvidas pelas escritoras feministas brancas, e nas auto-revisões de suas obras, o que a autora considera relevante, é que as autoras Barret e McIntosh passaram a destacar a necessidade de “analisar a construção ideológica da feminilidade branca através do racismo” (p. 350). Esta proposição implicaria em analisar a construção do gênero, tanto de mulheres negras quanto brancas, através da classe e do racismo. Entretanto, a crítica construída sobre esta revisão da obra, aponta que as características raciais deixaram de ser teorizadas na reprodução social. Disto, surge grande debate em torno da articulação do racismo com outras formas de discriminação, o qual, Brah (2006) dá a sua opinião

Eu diria que o racismo não é nem redutível à classe social ou ao gênero, nem inteiramente autônomo. Racismos tem origem histórica diversa, mas se articulam com estruturas patriarcais de classe de maneiras específicas, em condições históricas dadas. Os racismos podem ter eficácia independente, mas sugerir isso não é o mesmo que dizer, como Caroline Ramazanoglu, que o racismo é uma “forma independente de dominação” [...] (p. 352)

De acordo com Damasco, Maio e Monteiro (2012), no contexto brasileiro, o feminismo no início do século XX era formado por estudantes universitárias de classe média. Seus ideais, até os anos de 1970, estavam centrados no voto feminino e nas melhores condições de trabalho, reproduzindo, de certa forma, o feminismo “estrangeiro” do qual já tratamos.

O ano de 1975 é caracterizado pelos autores como ano da literatura feminista e apontam que no mesmo ano ocorreu a Conferência Internacional da Mulher, organizada pela ONU, na Cidade do México. Nesta, foi afixada a Década Internacional da Mulher, entre os anos de 1975 e 1985, onde os governos deveriam despende esforços para melhorar as condições de vida das mesmas. O reflexo disso pode ser visto como uma maior participação das feministas na esfera pública.

O movimento de mulheres do Brasil teve grande importância, ganhando inclusive destaque internacional. Dentre os intentos do grupo, podem ser citadas as contribuições na constituição de 1988, no processo de redemocratização do Estado, a luta contra a violência doméstica e sexual, e a diminuição da desigualdade ao acesso ao poder (no que se refere a cotas de participação em partidos políticos), conforme relata Sueli Carneiro (2003). Entretanto, ela aponta a existência de uma dita conformidade com movimentos progressistas internacionais, que acorrentava ao feminismo à visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. Dada esta generalização, Brah diz que “é agora axiomática na teoria e práticas feministas que ‘mulher’ não é uma categoria unitária” (2006, p.341)

Neste ponto, hooks (2015) afirma que “O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade.” (p.197). O movimento feminista não abarcava a diversidade de mulheres que dizia defender. hooks (2015) aponta a frase “todas as mulheres são oprimidas” (p. 197) do livro de Friedan como grande problemática dessa universalização da mulher. A feminista branca, precursora de muitos dos ideais que foram tomados como base do movimento, sugere que todas as mulheres sofreriam da mesma sina, ignorando as diversidades de experiência contidas nas diferentes raças, classes sociais, religiões e preferências sexuais¹⁸ (hooks, 2015).

¹⁸ Este debate inaugura a perspectiva do feminismo interseccional, paradigma que, como já fora apontado, não desenvolvemos neste estudo. Para saber mais sobre o tema, ver Crenshaw (2004) e Collins (2017).

Desta invisibilidade das mulheres que não pertenciam à classe dominante no movimento brasileiro, Sueli Carneiro (2003) indica a necessidade de se enegrecer o feminismo. Ela aponta que a formulação clássica do feminismo não dava conta em termos de teoria e prática política, no que tange as diferentes expressões do feminismo nas sociedades multirraciais e pluriculturais.

“[...] um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.” (CARNEIRO, 2011)

Isto porque, para a autora, a origem da construção da identidade nacional e do mito da democracia racial brasileira estão contidos no estupro colonial, que teve como resultado a miscigenação. Ela aponta esta violação sexual da mulher negra como “o ‘cimento’ de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades” (CARNEIRO, 2011). Demonstra, ainda, que estas proposições permanecem verdadeiras na contemporaneidade, mantendo desta forma, as hierarquias que foram impostas na época da escravidão.

Como embasamento da necessidade de abranger dentro do feminismo outras problemáticas além do sexismo, Patricia Collins (2017) apresenta um manifesto, construído por um grupo de mulheres negras, chamado *A Black Feminist Statment*, que traz uma declaração do quadro de políticas do feminismo negro, o qual dizia

“[...] que uma perspectiva que considerasse somente raça ou outra com somente o gênero avançariam em análises parciais e incompletas da injustiça social que caracteriza a vida das mulheres negras afro-americanas, e que raça, gênero, classe social e sexualidade, todas elas, moldavam a experiência de mulher negra. (COLLINS, 2017, p. 02)

Brah, ao reafirmar toda relevância do movimento feminista negro, destaca a importância do sujeito político, quando fala que este

“[...] descentra o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico, e também a versão masculinista do “negro” como cor política, ao mesmo em que perturba seriamente qualquer noção de “mulher” como categoria unitária. Isso quer dizer que, embora constituído em torno da problemática da “raça”, o feminismo negro desafia performativamente os limites de sua constituição.” (2006, p.357)

Como verificado principalmente por intermédio das descrições de hook (2015), Brah (2006) e Carneiro (2011), o movimento feminista, principalmente em sua primeira onda, era fundamentado em bases elitistas e eugenistas, tratando a categoria “mulher” de maneira universal. O movimento feminista negro veio então para confrontar estas visões excludentes da mulher, tratando o gênero como fator não isolado, mas transpassado por outras condições sociais. Como apontado por Carneiro (2011), dentro da lógica feminista negra, vale salientar a relação entre raça e gênero, por conta da citada hierarquização que o primeiro promove dentro do segundo e dos tipos de discriminação que daí surgem.

Kimberlé Crenshaw (2004) aponta que os preconceitos não podem ser tratados de forma individual. Eles devem ser considerados como sobreposições, de forma a abarcar e articular as discriminações que a mulher negra sofre. A autora embasa sua afirmação através de alguns exemplos. Entre eles, cita o processo movido por mulheres negras contra a *General Motors* do Estados Unidos. As vítimas afirmavam terem sofrido preconceito, por serem mulheres negras, entretanto, a justiça não aceitou sua reivindicação. Isto porque a empresa comprovou que contratava homens negros para as funções fabris e mulheres brancas para as atividades de escritório. Ou seja, não poderia ser considerada uma empresa racista e nem machista. Com isto, Crenshaw mostra que não se pode tratar de forma isolada as diferentes formas de preconceito que podem se somar em um único sujeito, pois o que afeta estas vítimas é justamente a combinação destas discriminações. Ela chama este tipo de discriminação de mista ou composta, e aponta ainda mais duas categorias: a discriminação contra grupo específico e a discriminação estrutural.

A discriminação contra grupo específico, se daria por intermédio da propaganda negativa vinculada a estes. Estas propagandas apresentam componente racial contra mulheres negras, onde a raça imporia determinados hábitos e padrões sexuais, além de ser responsável por colocar estas pessoas fora do que se tem como comportamentos tradicionais. Ou seja, são gerados estereótipos acerca da mulher negra. Uma das consequências disto, é que estas propagandas afetam continuamente o sistema de justiça criminal americano, negando proteção às mulheres negras.

Há estereótipos de gênero que determinam quem é uma mulher boa e quem é uma mulher má. Há estereótipos de raça que pré-determinam que as mulheres afro-americanas serão categorizadas como mulheres más, a despeito do que fazem e de onde vivem. Por último, pode-se dizer que a

propaganda de gênero com um componente racial também faz parte de algumas políticas públicas. (CRENSHAW, 2004, p.13)

A terceira classificação, a estrutural, não é vista pela autora como preconceito, pois esta não é diretamente voltada para grupos específicos. Estas seriam fruto de políticas de reajustes estruturais realizados em alguns países. Estes ajustes, em torno do fator econômico, acabam por afetar as mulheres. Pois quando se tem uma retração na economia, que gera uma diminuição de serviços sociais, as mulheres são levadas para estas atividades, que seriam de cuidadora de jovens, idosos e doentes. Porém, com mulheres de melhor situação econômica, o que ocorre é a contratação de mão de obra de outras mulheres marginalizadas pelo fator econômico, para a realização destas atividades. Sendo assim, para a autora, esta confluência “entre gênero, classe, globalização e raça” (CRENSHAW, 2004, p.14) são a subordinação estrutural.

No contexto brasileiro, Carneiro (2003) afirma que a necessidade de se articular o racismo com o feminismo encontra embasamento histórico, uma vez que

a “variável” racial produziu gêneros subalternizados, tanto no que toca uma identidade feminina estigmatizada (das mulheres negras), como as masculinidades subalternizadas (dos homens negros) com prestígio inferior ao do gênero feminino do grupo racial dominante (das mulheres brancas). (CARNEIRO, 2003, p.119.)

Sobre a questão masculina, Carneiro (2003), com base na construção de uma hierarquia social, considera que os homens negros estão abaixo das mulheres brancas. Porém, ela salienta para o chamado “mito da ascensão social do homem negro”. Por intermédio da apropriação da mulher branca, o homem negro em suposta ascensão social, tenta adentrar no universo do homem branco.

“[...] a mulher branca permite a esse homem negro apresentar-se diante do homem branco aliviado do complexo de castração porque tornou-se capaz de tomar a mulher **dele**, condição indispensável para que homens machistas que historicamente não puderam defender suas mulheres e tiveram que cedê-las a outro sintam-se recuperados em sua autoestima e capacidade fálica.” (CARNEIRO, 1995, p. 549)

Lélia Gonzalez (1980), por intermédio da mulata, da doméstica e da mãe preta, apresenta os efeitos violentos do sexismo articulados ao racismo sofridos pelas mulheres negras. Ela afirma que estas visões estereotipadas das negras persistem e são também a confirmação do mito da democracia racial brasileira. Ela comprova esta afirmação sobre o mito, através do exemplo do carnaval, onde a mulata ganha

relevância, tem seus atributos físicos exaltados, é o grande destaque da festa, capa das revistas, a atração para turistas. Entretanto, fora da época do festejo, ela volta a ser uma empregada doméstica, anônima, sem importância, o qual seria o seu lugar na vida cotidiana. Com relação à ação do mito da democracia brasileira

Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. (GOZALES, 1984, p.228)

Carneiro (2011) ressalta a importância de se trazer peso à questão racial, no que tange à crítica feminista dos mecanismos de mercado de trabalho. Pois a dita “boa aparência” exigida pelos empregadores, tem como função manter a desigualdade entre mulheres negras e brancas, pois como diz Gonzalez (1984) “[...] afinal, ‘boa aparência’, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria ‘branca’, unicamente atribuível a ‘brancas’ ou ‘clarinhas’”. (p. 230). A autora ainda constata que, fundado neste ideal de “boa aparência”, por mais que as mulheres negras de classe média se vistam “bem” e sejam “educadas”, continuarão a ser vistas como domésticas.

Dos ilustrados embates entre gênero e raça, temos uma mulher negra ocupando o último degrau da hierarquia social. Temos na opressão sexista e racial dos estereótipos apontados por Gonzalez (1984) e por Crenshaw (2004), a insistência de atribuir à mulher negra, ainda hoje, posições inferiores, subalternas e de invisibilidade em relação às mulheres brancas e aos homens negros. Assim como a propaganda que gera estes estereótipos também tem influência negativa dentro de algumas políticas públicas. Contudo, tanto Carneiro (2003), Gonzalez (1984), quanto Crenshaw (2004) delineiam e salientam a importância de agregar a temática racial aos movimentos feministas, assim como também a temática de gênero aos movimentos raciais, afim de tornar visíveis as mulheres negras dentro dos movimentos em que estas fazem parte e que devem, por direito, também serem representadas e defendidas. Portanto, somente considerando as sobreposições dos fatores de diferenciação, pode-se atender de forma plena as questões em torno da discriminação da mulher negra seja no âmbito jurídico, político ou midiático.

Através dos apresentados conceitos de representação, raça, gênero e feminismo negro, partiremos para a descrição e posterior análise das ações opressivas cometidas contra a personagem Michele, de *Mister Brau*, e suas respectivas resistências diante destas situações.

5 DESCRIÇÃO DO CORPUS

O presente capítulo traz, inicialmente, a descrição completa dos quatro episódios selecionados para análise, com a finalidade de uma contextualização global das situações de machismo e racismo apresentadas contra Michele. Após estas descrições, traremos a categorização das situações de preconceito por intermédio de duas tabelas, uma destinada à apreciação de situações envolvendo machismo e outra relativa às situações envolvendo as sobreposições entre machismo e racismo. Na sequência de cada uma das tabelas, será apresentada análise das cenas descritas nestas, respectivamente. Assim, a análise se apresentará dividida em dois momentos, a fim de contemplar de maneira mais focada cada categoria de situação opressiva.

5.1 EPISÓDIO “BRAUDAID”

Em um bonito dia de sol, Henrique e Andréia tentam vender a casa para um casal, mas o volume alto da música que vem da casa dos Brau, afugenta os possíveis compradores. Já é noite, e a festa continua. Brau está tocando bongós quando Michele o avisa que sua mão está sangrando. Lima pega uma caixa de curativos para o amigo, e lê ironicamente na embalagem “cor da pele”. Brau pega a caixa de curativos e indaga que no Brasil são 52% de negros. Lima concorda dizendo que são maioria e o curativo deveria ser para pele escura. Brau discorda e alega que temos várias cores, “o mundo não é preto e branco”, diz ele, e decide então lançar o próprio curativo multicolor.

No dia seguinte, ele vai até Michele, que está no meio do ensaio de uma coreografia, para apresentar a ideia de lançar os próprios curativos, mas a empresária acha uma besteira. Michele chama a atenção de Brau para o fato de ele estar querendo entrar num mercado o qual ele não tem o menor conhecimento, mas ele não desiste da ideia. Assim que a esposa vira as costas e volta para o ensaio, Brau resmungo que vai mostrar para ela que sabe fazer dinheiro, enquanto disca no telefone. Brau, Lima e Henrique conversam sobre o novo produto. Henrique chama a atenção de Brau para o nome do curativo, “*Braudaid*”, muito similar à marca líder de mercado, o que poderia gerar um processo e aconselha que o nome seja repensado. Brau e Lima não aceitam mudar o nome do produto e insistem para que Henrique resolva essa questão. Henrique ainda insiste que este é um processo difícil de ganhar,

mas Brau permanece irredutível, confessa para Henrique que pegou empréstimo de 35 milhões de reais para investir no *Braudaid* e pede que ele não conte a Michele. Brau apresenta para a esposa o projeto de lançamento do produto e pede para ela posar para fotos de divulgação do *Braudaid*, com um curativo colado no bumbum.

Brau: Eu quero que você faça uma foto do Braudaid assim na bunda, ...na cintura, ...uma coisa de bom gosto é claro.

Michele encarando o marido, responde irredutível, enquanto se levanta e vai embora.

Michele: A empresa é sua. Quer mostra a bunda? Mostra a sua.

Figura 10: Brau apresenta o projeto do Braudaid para Michele.



Fonte: Captura de tela no site Globo Play.¹⁹

Brau e Lima pensam no slogan da campanha e o músico sugere: “Lá em casa a gente dorme só de *Braudaid*”. Os companheiros de banda manipulam, com programas de edição de imagem, uma foto do braço do cantor e fazem com que pareça um bumbum de biquíni. Henrique questiona Brau se Michele aprova essa ideia, pois ele alerta que todos pensarão que a “bunda” da embalagem é de Michele.

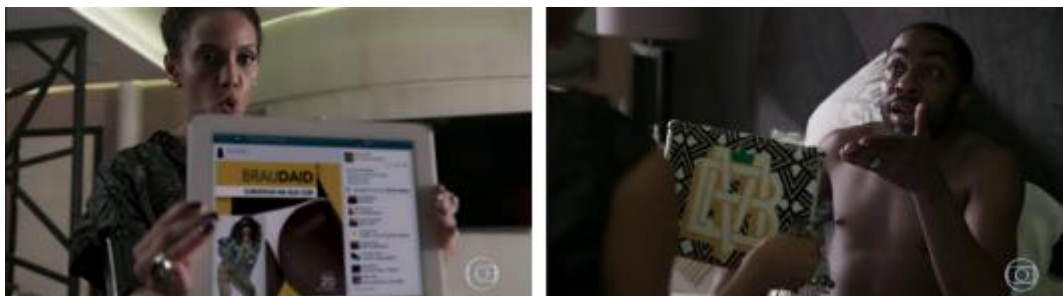
Brau: Ninguém vai pensar que essa bunda aí é da Michele.

Nova cena inicia com Michele confrontando Brau. Ela mostra a foto da caixa do *Braudaid*, na tela do tablet:

¹⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em: 02 set. 2017.

Michele: Mas é claro que todo mundo pensou que era eu!
 Brau: É mais não é, o que importa mais é a verdade..

Figura 11: Michele mostrando imagem no tablete para Brau.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.²⁰

Michele, enquanto desce as escadas furiosa para tomar café, conta do surgimento da *hashtag* "#bundadamichele", e das proporções que a imagem tomou na internet. Brau diz que vai fazer uma declaração pública dizendo que a "bunda" é dele. A empresária retruca então, dizendo que não é necessário, pois ela já resolveu a questão.

Michele: Aceitei posar para uma revista. Comercial de calcinha. Nudez *soft*.
 Brau: Como é?
 Michele: Eu tinha recebido milhares de convites e nunca aceitei. Passa o café por favor? Agora que a minha bunda, que nem é minha, anda de graça pela internet, não tem porque eu não ganhar um dinheiro com isso.
 Brau: Pera aí, pera aí... você já disse que sim?
 Michele: Já. Só falta acertar alguns detalhes no contrato.

Michele conversa com Henrique na piscina sobre o contrato, e o advogado fica preocupado com os mínimos detalhes, sobre o que pode ou não ser mostrado do corpo da empresária nas fotos. Enquanto eles conversam, Michele passa protetor solar no corpo e o advogado, tentando não olhar para o bumbum e as pernas da cliente, fica nervoso. Brau aparece de repente, estourando um champanhe e interrompe a conversa da esposa com o advogado. O músico mostra que o *Braudaid* já é realidade, pois está com um colado na testa.

²⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em: 02 set. 2017.

Lima e Brau, enquanto jogam “fla-flu”, conversam sobre a porcentagem do produtor nos ganhos do Braudaid. Eles brigam por causa dos valores e Lima vai embora. Henrique entra na sala e Brau decide colocar o advogado no lugar de Lima, como seu parceiro de criação musical.

[intervalo]

Brau tenta criar uma música com Henrique para o *Braudaid*. Henrique dá sugestão de duas palavras, Brau já dá a música como feita e o advogado menciona os seus direitos autorais na música. Michele aparece em estúdio vestida de odalisca fazendo poses para fotos da campanha de lingerie. Brau está acompanhando a sessão incomodado.

Michele: E aí, tá gostando?

Brau: Você, uma empresária de sucesso...

Michele: Brau, é só uma foto comercial de calcinha. Eu tô com mais roupa do que quando eu vou a praia.

Brau: Mas eu ainda tô achando que isso tá muito transparente Michele...

Michele: Eu tô com 9 véus, dois a mais que na dança!

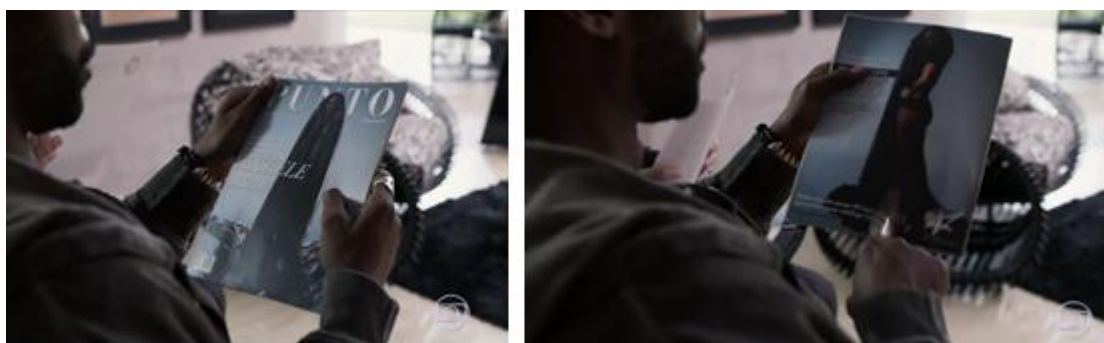
Brau: Michele, no contrato diz figurino árabe, não fala nada em odalisca, nem véu.

Michele: Brau, eu prometi mostrar a bunda e já recebi o cachê. Vem cá, quer que eu tire a foto de burca?

Brau: Por exemplo! Burca?

Michele: Fechou burca.

Figura 12: Brau avaliando fotos de Michele na revista.



Fonte: Captura de tela no site Globo Play. ²¹

Brau, olhando a revista, avalia a capa onde Michele aparece de lingerie e burca. Quando olha a contracapa, a empresária está de burca de costas e mostrando a

²¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em: 02 set. 2017.

bunda. Brau não gosta e reclama, mas Henrique garante que está tudo de acordo com o contrato. O músico pergunta por Lima e logo depois Lima aparece e eles começam a discutir sobre porcentagens e saem da sala. Michele oferece a revista para Henrique levar para casa. Ainda na mesma cena, o telefone toca. Lima volta para atender, mas Michele impede e diz que é o toque de Andréia. Michele atende, mas disfarça a voz e imita um sotaque mineiro, se identifica como “das Dores”, uma suposta empregada da mansão, que na verdade não existe. “das Dores” é uma personagem inventada por Michele apenas para poder falar para Andreia ao telefone tudo que ela pensa sobre a vizinha. Lima fica ouvindo a conversa e rindo.

Henrique chega em casa, e Andréia pergunta se ele viu a das Dores na casa dos Brau, mas o marido diz que não lembra. Andréia desconfia que das Dores não existe. A *socialite* pega um pote de geleia, liga para das Dores e vai (falando ao telefone) até a casa dos Brau entregar o doce para a empregada. Michele atende a porta enquanto Lima se passa por das Dores no telefone e enganam Andréia. A *socialite* volta para casa e se depara com uma caixinha de *Braudaid* na mesa. Henrique explica o que é o *Braudaid* e Andréia indaga se já não existe algo assim. O advogado diz que não lembra de ter visto algo parecido. Andréia descobre que já existe um produto do gênero e denuncia Brau em segredo.

Brau invade o quarto dizendo que se ferrou. Michele estava dormindo. Ele prossegue dizendo que já existe um produto similar nos Estados Unidos, há mais de 15 anos. Ele conta que foi denunciado e que perdeu 35 milhões do “nosso dinheiro”. Michele diz que perdeu do dinheiro dele, então Brau confessa que pegou empréstimo e eles perderam a casa. Michele encara Brau raivosa.

[intervalo]

Michele dá sermão em Brau e afirma que ele não poderia ter dado a casa como garantia sem a assinatura dela. Em seguida, Andréia liga e Michele atende como ela mesma, e a vizinha pede para falar com a das Dores. Michele se passa pela suposta empregada e Andréia oferece emprego para das Dores, pois ela já sabe que os Brau vão perder a casa. Michele desliga o telefone e fica indignada. Andréia comemora. Henrique, sem saber que a esposa é a autora da denúncia, diz a Andréia que não pode comemorar, pois tem que estudar o caso do *Braudaid*, a audiência é no dia seguinte. Andréia tira Henrique da concentração do trabalho.

Chega o dia da audiência, Brau e Michele estão esperando Henrique. Ele chega atrasado e fica enrolando na sua fala. Brau apresenta sua defesa com vídeo do *Braudaid*. Entra vídeo do *Braudaid*, com a música composta com a ajuda de Henrique, e mostra novo posicionamento do produto: promover a mistura de cores. Michele controla a apresentação pelo notebook e se mantém firme, passando segurança para o marido. Todos batem palmas ao final da apresentação. O casal ganha a causa.

Andréia aparece na frente do espelho dançando a música de Brau e Henrique a pega no flagra.

Michele calcula os direitos de Henrique na música, 1%. A empresária entrega ao advogado o cheque com os seus ganhos na composição, ele fica boquiaberto com o valor e dá uma jóia de presente para Andréia, que fica extremamente feliz.

O episódio termina com Brau e Michele promovendo uma grande festa em casa, assim como no início do episódio.

5.2 EPISÓDIO “JACARÉ”

É noite, Michele e Brau estão na piscina conversando e, enquanto isso, Brau tira fotos da sua musa. De repente, aparece um jacaré na piscina. O casal sai correndo em direção à casa de Andréia e Henrique, e lá entram gritando desesperados. Michele cobra alguma ação de Andreia, já que ela é a síndica do condomínio. Andréia reclama da gritaria de Michele e diz que não tem nada que ela possa fazer. Henrique acalma a situação, defende Michele e convida os vizinhos para jantar. Brau, Henrique e tenente Marques vão até a piscina dos Brau em busca do jacaré, mas não encontram nada. Michele e Brau jantam na casa de Henrique e o músico age de forma não muito educada. Brau sente-se em casa, e ainda faz comentários e piadas sem graça na mesa em razão da pequena porção de comida servida. Brau subentende que está convidado para dormir na casa dos vizinhos e recebe Lima na casa deles, pois têm ensaio marcado para esta noite. A dupla compõe versos com jacaré na letra, ao invés do *jingle* para a *Coca-cola* que deveriam fazer. Michele adverte que talvez a marca não goste de ser associada a um jacaré. Andréia reclama para Henrique que Brau está “fazendo festa” na casa dela, por conta do barulho do ensaio, e pede para Henrique tomar providências. O advogado vai até Brau pedir que o ensaio termine por causa do barulho, mas Brau leva Henrique na conversa.

No meio da noite, Andréia acorda, vai até o banheiro fazer xixi e dá de cara com Brau dormindo na sua banheira. Henrique corre para atender os gritos da esposa e encontra o vizinho nu, no seu banheiro. Questionado pelo advogado, Brau diz que dormiu na banheira, e não no quarto de hóspedes, porque lá não tinha banheira. Os vizinhos pedem que Brau saia do banheiro deles, e este levanta prontamente, veste um roupão de Andreia e sai do banheiro molhando todo o chão. Andréia fica furiosa e expulsa Henrique do quarto. Ao sair no corredor, o advogado encontra Michele, que ouve a discussão entre ele e a esposa. Ela então avisa que se a presença dela e de Brau são a causa da discussão, eles podem ir embora. Henrique diz que não precisa e acha brecha na conversa para elogiar Michele. Brau começa a gritar do quarto, a empresária deseja sorte a Henrique, e volta para o quarto de hóspedes. Enquanto estão deitados, Michele e Brau acompanham a repercussão da história do jacaré na internet. A empresária conta para o marido sobre a briga dos vizinhos, que quer ajudar Henrique, mas Michele impede, pois acha melhor não entrar na briga para não piorar a situação. Brau tira sarro do quarto de hóspedes por ter decoração para bebê, pois Andreia e Henrique não têm filhos. Michele, então, começa a falar sobre ter filhos, mas Brau não a leva muito a sério.

Amanhece, Michele vai até a cozinha, abre a porta da geladeira e se empina curvada procurando algo. Neste momento, Antônio Carlos, pai de Andreia, entra na cozinha e vai direto apertar a bunda que sobressai em frente à geladeira, dizendo: “bum dinha”. Michele se vira furiosa e dá um tapa no rosto dele.

Figura 13: Michele desfere tapa no rosto de Antônio Carlos.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.²²

Michele: Qual é meu irmão? Que isso?

Corta para cena na sala, onde ele está sentado em uma poltrona se explicando.

Antônio Carlos: Me desculpa, eu não sabia que era a Michele... eu achei que era a folguista da Catarina.

Andréia, Brau, Michele e Henrique estão parados de braços cruzados em frente a Antônio Carlos.

Michele: E porque você achou que eu era a empregada?

Antônio Carlos: Porque... você tava na cozinha... porque... você tava na cozinha...

Michele: E você acha que tem o direito de passar a mão na empregada?

Antônio Carlos: É uma brincadeirinha, um jeito carinhoso de dizer "bom dia".

Andreia e Henrique ficam em segundo plano, Michele e Brau se aproximam de Antônio Carlos.

Brau: E você sempre faz isso?

Antônio Carlos: Sempre.

Michele: E porque você disse bum dinha?

Antônio Carlos: Por nádegas. [Risos]

Brau acha a resposta engraçada, enquanto Michele se mantém séria.

Brau: Essa foi boa.

²² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em 02 set. 2017.

Michele: Não achei a menor graça.
 Brau: Nem eu.
 Andréia: Nem eu.

Figura 14: Michele interrogando Antônio Carlos



Fonte: captura de tela no site *Globo Play*.²³

Henrique interrompe e alerta o sogro que isso configura assédio. Andréia afirma que a empregada nunca fez queixa. Michele, que estava em segundo plano, se volta indignada para Andréia.

Michele: Você está insinuando que a empregada gosta de ser apalpada?

Antes de Andréia responder, seu pai interrompe pedindo para que seja colocada uma pedra no assunto, pois ele admite que errou e pede desculpas a Michele. Ela pede que ele peça desculpas ao seu marido, Antônio Carlos pede desculpa a todos.

O corpo de bombeiros faz visita a mansão dos Braus à procura do jacaré. Michele, se escondendo pelos cantos, com medo do jacaré, vai até a mansão falar com Gomes. A empresária pede então que seu assistente separe todos os seus sapatos, bolsas, cintos e casacos de couro de jacaré e sai correndo da casa.

Gomes, já no *closet* de Michele, separa todos os itens pedidos. Lima entra no cômodo e sugere que ao invés de doar as peças, Gomes as venda. O assistente de Michele acaba aceitando a sugestão. Gomes combina que irá dividir uma parcela das vendas com Lima, em troca de ajuda na venda dos itens. Lima oferece porcentagem a Tenente Marques para que ele venda as peças de Michele.

No quarto de hóspedes, Andréia e Michele conversam sobre o desejo de ter filhos. Na sala, enquanto Antônio Carlos assiste futebol na televisão, Brau comenta

²³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em 02 set. 2017.

com Henrique que acha estranho o sogro dele ter a chave da casa, e sugere que o advogado deve assumir o controle do seu próprio lar. O advogado, então, decide tomar uma atitude e vai confrontar o sogro, que não dá muita importância para Henrique, mas acaba indo embora. Andreia ouve tudo e discute com o marido. Michele e Brau acompanham a discussão sentados no sofá. A empresária reclama que está esperando para se despedir, e o marido diz que ir embora sem dar tchau é falta de educação. Michele comenta que a causa da briga é a tentativa de Brau em ajudar Henrique. Enquanto discutem ao lado da piscina, Henrique tropeça em algo, que é o jacaré. Todos saem correndo, gritando desesperados, para a casa dos Brau.

[intervalo]

Ao entrar na casa, Brau diz que tem lugar para todos ficarem, inclusive em quartos separados. Andreia não quer aceitar e Henrique não quer ficar no mesmo lugar que a esposa. Brau os repreende e diz que vai retribuir a cortesia dos vizinhos, acolhendo-os na casa dele. O músico aconselha o advogado sobre a relação com Andréia.

Marques vende na portaria do prédio as roupas de Michele, mas é pego pela síndica Andreia. Ela o repreende, mas acaba comprando um par de sapatos importados. Lima entrega o dinheiro da venda a Gomes, que diz que vai fazer uma “loucura” com o dinheiro.

Andreia e Michele estão na cozinha e a *socialite* começa a reparar na decoração, fazendo comentários maldosos sobre os objetos mais “simples”, como uma capa de liquidificador feita de croché, potes de sorvete usados para guardar temperos e uma sacolinha de supermercado no lugar do saco de lixo. Andréia tira fotos dos itens para publicar na internet. A empresária corre então até Brau e pede que ele tome uma atitude para tirar a vizinha da casa dela.

Gomes mostra para Lima o que comprou com o dinheiro, um vinho importado, que vai tomar em alguma ocasião especial e sozinho. Ele guarda a bebida na adega de Brau, embora Lima tenha advertido que é perigoso deixar o vinho ali.

Os itens simples da cozinha de Michele fazem sucesso na internet e Andreia ironiza os dons de Michele para fazer artesanato, que confessa ter sido ela quem fez a capinha de croché. A empresária repara que a vizinha está usando os seus sapatos de jacaré e ironiza comentando que tinha um par igual. Andréia sai da casa furiosa e discute com Henrique, sugerindo que eles deveriam ter ido para um hotel, assim ela

não teria sido humilhada por Michele. Ela acaba confessando para o marido que pagou cinco mil reais no par de sapatos. Brau interrompe a conversa avisando que o jantar está pronto e faz discurso agradecendo ao jacaré a união que ele trouxe para os vizinhos. Eles brindam em nome do jacaré. Gomes pergunta à patroa se pode tirar a noite de folga e ela o libera. Neste momento ele se dá conta que o vinho que está servido à mesa é dele, e se desespera. Andréia diz que Henrique pagará pelo vinho, e quando Gomes revela o valor da garrafa, todos descobrem a procedência do dinheiro do vinho: o sapato de Michele. Os ânimos se alteram.

No dia seguinte, Brau rindo sozinho, se esgueira pela casa com um jacaré inflável de baixo do braço. Chegando ao quintal, ele joga o inflável na piscina. Ele entra em casa sorrindo e senta para tomar café da manhã com Michele e Andréia. Henrique está trabalhando em seu notebook ao lado da piscina, quando vê o jacaré (de verdade), e entra correndo na mansão. O músico, achando que se trata do brinquedo inflável, diz que vai resolver e arma um teatro na piscina. Henrique, Andreia e Michele ficam apreensivos dentro de casa, enquanto Brau luta com o brinquedo. O jacaré de verdade aparece e Brau desmaia.

[intervalo]

Henrique corre até a piscina para acudir o vizinho. Os dois voltam para dentro da casa correndo. Andréia e Michele abraçam os maridos, quando Michele olha para o quintal e descobre que o jacaré é fêmea, pois colocou ovos no seu jardim.

Andreia e Henrique voltam para casa e fazem as pazes. O pai de Andreia aparece, mas fica preso do lado de fora, pois Henrique trocou as fechaduras. Gomes compra outro vinho com o dinheiro que ganhou de Henrique e convida Lima para beber o vinho com ele. Michele e Brau, deitados na grama, conversam sobre a possibilidade de ter filhos. O episódio termina com o casal cuidando de um dos filhotes do jacaré em um aquário na sala da mansão.

5.3 EPISÓDIO “MICHELE EM CARREIRA INTERNACIONAL”

Brau e Michele estão no palco, ela dança enquanto ele canta “6 G”. O show termina e, nos bastidores, Henrique tenta apresentar a Brau um produtor musical

americano, mas o músico ignora e diz que ele deve falar com Michele, sua empresária. Entretanto, o produtor revela que é justamente para Michele a proposta de contrato que o trouxe até ali.

Brau: É mesmo? Que estranho.
Michele: Estranho por quê?

Antes que Brau argumente, o produtor interrompe e dá parabéns a Michele pelo show e questiona se ela já pensou em ter um show solo. Brau interrompe.

Brau: Não, claro que não..
Michele: Por que não?
Produtor: Por que não?
Brau: Um show, só de dança?
Produtor: Michele pode cantar, por que não?
Michele: Posso, quem sabe.

Figura 15: Brau fica surpreso pelo convite do produtor à Michele.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.²⁴

O produtor tece elogios à dançarina e a compara com cantoras famosas, Shakira, Beyoncé, Rihanna, etc. Ele insiste que ela é única e a convida para jantar e discutir sobre o contrato. Ela aceita. Brau e Henrique acompanham ao fundo com cara de incrédulos.

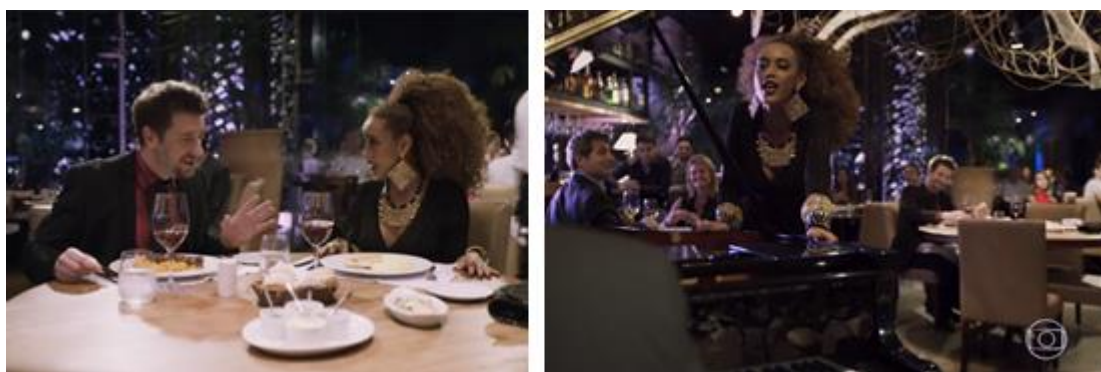
Andréia, se olhando no espelho, encontra uma ruga. Ela pede a opinião de Catarina, que só piora o desespero da *socialite*. A empregada aconselha a patroa a sorrir, assim a ruga não aparece.

Michele janta em restaurante requintado com o produtor. Ele insiste que ela não precisa cantar e pode usar *playback*. Michele acha um absurdo e reforça que sabe

²⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em: 02 set. 2017.

cantar. Ela continua tentando convencê-la de que o *playback* é melhor em uma carreira internacional. Michele se levanta e vai até o pianista do restaurante, cochicha algo. Ela, então, começa a cantar “Você”, de Tim Maia, para o produtor, chamando a atenção de todo o restaurante. Ao terminar a música, ela encara o gringo e exclama “Viu!”. Enquanto é aplaudida por todos no restaurante, ela vai até o produtor e pergunta se ele gostou, ele responde que foi muito bom.

Figura 16: Michele provando ao produtor que sabe cantar.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.²⁵

Para se manter desestressada e sorrindo, Andreia começa a pintar livros de colorir. O marido chega em casa e ela pergunta quando os Brau vão viajar. Henrique responde e comenta ainda surpreso que Michele vai fazer carreira solo. Andreia não acha nada demais, pois Brau também faz. Então Henrique se volta para a esposa, alterado, dizendo que a Michele não pode os deixar. Andréia não gosta da reação e o marido disfarça. Ela pergunta porque ele está nervoso, ele desconversa e diz que vai precisar refazer todos os contratos do músico. Henrique se sente culpado por Michele estar saindo em carreira solo, pois foi ele quem apresentou o empresário gringo ao casal.

Michele diz a Brau que J.R., o produtor gringo, acha que ela vai fazer sucesso nos Estados Unidos. O marido insiste que a musa não pode o abandonar, pois eles são uma dupla imbatível. A esposa então exclama que eles “eram” uma dupla, onde apenas ele ficava nos holofotes, enquanto ela ficava na sua sombra. Brau decide então virar produtor de Michele, que argumenta que ele não tem capacidade para isso

²⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em: 02 set. 2017.

e define que J.R. cuidará da sua carreira. Ele insiste que vai cuidar da carreira da esposa, cuidará de tudo, assim como ela sempre cuidou da carreira dele e afirma que ele vai ser “o Michele da Michele”. Ela não acredita.

No dia seguinte, Michele começa a passar sua agenda de shows para Gomes, que começa a passar mal só de ouvir o itinerário. A empresária percebe e questiona o assistente, que revela que tem medo de voar de avião e implora para usar outro meio de transporte. A patroa dá para Gomes um frasco de calmante e afirma que vai funcionar, pois ela não abre mão do seu assistente pessoal na sua primeira turnê solo internacional.

Lima pretende se aproveitar da turnê de Michele nos Estados Unidos, para escrever uma música para Obama. Brau, seguindo Michele pelo quintal, continua insistindo em participar da turnê da esposa, nem que seja de tecladista. Ao entrar na mansão, a empresária cobra algumas atividades de Gomes, mas ele está tonto e falando enrolado pois tomou calmantes demais. Henrique chega então na mansão, com um presente de despedida para Michele, e afirma que sentirá falta dela. Ela, Brau e Gomes agradecem a Henrique, e saem ainda discutindo sobre a ida de Brau na turnê. Michele continua irredutível.

Lima e Henrique bebem na loja *AM/PM* onde Maria Eduarda trabalha. A atendente os manda embora. Eles pegam as bebidas e saem cambaleando da loja. A dupla acorda na piscina dos Brau, de ressaca. Lima descobre que fez uma tatuagem, cujo significado é desconhecido. Henrique vai para casa se esgueirando para não acordar Andreia. Ele deita na cama, mas está com dor no peito e vai até o espelho do banheiro verificar. Ao tirar a camisa, ele descobre que também fez uma tatuagem e quando tira o curativo, aparece o nome de Michele. O advogado se apavora. Andreia acorda e vai até o banheiro, enquanto ele tenta se esquivar e esconder a tatuagem.

Michele empurra Gomes, que está semi desmaiado, em uma cadeira de rodas no aeroporto. Brau, tentando atuar como assistente da esposa, mostra o clipe que fizeram para a *Coca-cola*. Ao chegar nos Estados Unidos, Michele avisa que Brau vai ter problemas, pois fez uma música ofensiva para Obama, por causa da frase: “Obama *is my bitch*²⁶”. O músico se defende, dizendo que quis dizer: “Obama é minha praia”. A confusão custa caro para Brau, que é barrado ainda no aeroporto por ter tido o visto cancelado. O músico tenta se explicar, sem sucesso, e é levado pelos seguranças.

²⁶ Tradução livre: “Obama é minha vadia”.

[intervalo]

Nos bastidores do primeiro show de Michele, a musa reclama do figurino para Gomes, pois este é basicamente uma fantasia de carnaval, que exhibe demais o seu corpo. O assistente concorda que a roupa não combina com a patroa. Ela prossegue dizendo que o marido jamais permitiria um figurino desses no palco e que o cenário do show está parecendo mais “o cassino do Chacrinha”.

Michele: Gente, isso é coisa pra gringo ver!

Gomes: A senhora assinou um contrato com os americanos, está recebendo muito bem por isso. (sussurrando)

Michele: Pois gringo vai ver outra coisa.

Figura 17: Michele desaprova o figurino do show.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.²⁷

A empresária pede que Gomes tire seu fraque, e ele não entende. Michele é chamada ao palco e está vestindo a roupa de Gomes, por cima do figurino carnavalesco. O show passa a ser um acústico de voz e violão, onde a musa canta sentada em um banquinho. J.R. não gosta do que vê. Enquanto Michele faz seu show, Brau está em casa com saudades da esposa e canta a mesma música que ela está cantando. As imagens são mescladas, fazendo com que pareça que eles estão cantando juntos.

²⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em: 02 set. 2017.

Figura 18: Michele cobre o figurino carnavalesco e canta.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.²⁸

Brau acompanha o sucesso de Michele pela tevê, quando Lima entra pela sala com Maria Eduarda, contando que descobriu o significado de sua tatuagem. Brau está distante e não ouve nada do que o amigo fala. Lima tenta animar seu parceiro, que finge se animar para a festa de *Réveillon* que dará na sua casa.

Henrique tenta desesperado disfarçar a tatuagem com o nome de Michele. Andréia está pintando desenhos por toda a casa para se manter sem rugas. Catarina se mostra preocupada e sugere à patroa que escreva um livro de autoajuda de colorir. Andreia rouba a ideia de Catarina e decide lançar um livro de colorir. Ela conta para o marido e o convida para passar o *Réveillon* em um chalé. Ele tenta evitar, mas ela insiste e ele aceita, preocupado.

A casa de Brau está com todos os detalhes para a festa de *Réveillon* prontos e recebendo os convidados. Chega uma suposta bombeira na portaria do condomínio, que enrola Tenente Marques e entra no local. Brau está falando com Michele por *Skype*, quando entra a “bombeira” na sala, tirando a roupa e pulando em cima do músico. Michele vê tudo. Brau tenta explicar que ela é uma fã maluca que o persegue, mas a empresária não parece acreditar e promete dar o troco. Brau fica desesperado.

Andreia mostra para Henrique sua lingerie nova. O marido fica nervoso e decide escolher uma música, ao olhar os CDs do chalé ele tem uma ideia: inventar uma desculpa para sair e deixa Andreia sozinha. Ele então corre até um estúdio de tatuagem.

Brau consegue se livrar da fã louca. Michele está desanimada e J.R. se aproxima da musa, tentando se aproveitar da situação para beijá-la. Ela se esquivava e muda de

²⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em: 02 set. 2017.

assunto. Eles veem uma estrela cadente e Michele diz que seu pedido vai se realizar. J.R. cheio de esperanças pergunta o que ela pediu e ela diz que já está se realizando, pois ela está indo para casa. Ela sai e deixa o produtor sozinho na festa luxuosa de *Réveillon*.

Henrique volta para o chalé, a esposa está bêbada e desapontada. Ele se explica e diz que tem uma surpresa: suas novas tatuagens. Para disfarçar o nome de Michele, ele tatuou diversos nomes de músicas dos Beatles, que coincidentemente tem uma música intitulada “Michele”. Ele diz para Andreia que fez isto em homenagem ao amor deles, pois estas seriam as músicas preferidas do casal. Ela repara no nome Michele, mas ele desconversa e ela acaba aceitando.

Michele tenta combinar com Gomes uma mentira, para que Brau pense que ela o traiu, como vingança. Ela liga para Lima, que diz que Brau não está no Brasil, pois deu um jeito de chegar nos Estados Unidos para ficar com a esposa.

Brau aparece correndo no deserto e sendo perseguido pela polícia, que o captura.

[intervalo]

Michele vai até a Casa Branca conversar com Obama, pois o marido foi preso tentando entrar irregularmente no país. Ela conversa com o presidente e explica toda a situação, apelando para o amor dele “pela Michele dele”. A empresária sai em revistas ao lado do presidente, como amigos.

Figura 19: Michele conversa com Obama.



Fonte: Captura de tela do site *Globo Play*.²⁹

²⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/temporadas/1/>. Acessado em: 02 set. 2017.

Os livros de colorir de Andreia são um fracasso, ela fica deprimida, mas é consolada pelo marido.

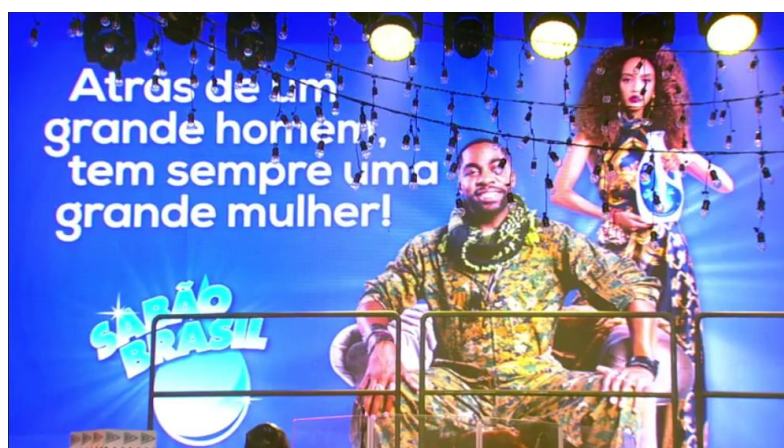
Michele encontra Brau no aeroporto, que agradece por ela tê-lo salvo. Ela reforça que só conseguiu porque Obama é seu fã. O músico pede desculpas pelo mal entendido com a fã maluca e afirma que não teve nada com ela. A empresária aceita e confessa que também não teve nada com J.R. Gomes interrompe o momento do casal cantando música dos Beatles drogado de calmantes. O casal se acerta. Brau e Michele cantam “O amor é uma aventura” e o episódio termina com uma grande festa.

5.4 EPISÓDIO “SABÃO BRASIL”

Elza Sores canta no palco do programa *Os Brau* o refrão da música “Maria da Vila Matilde” que diz “cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim...”. Assim que Elza termina a música, entra a mensagem do patrocinador.

Locutor: Com o oferecimento do Sabão Brasil: atrás de um grande homem, tem sempre uma grande mulher.

Figura 20: Propaganda do Sabão Brasil no telão do programa *Os Brau*.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.³⁰

Enquanto isso, aparece no telão a peça publicitária onde Brau está sentado em uma cadeira e Michele de pé, logo atrás dele, com o slogan da marca ao lado.

³⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/>. Acessado em: 03 set. 2017.

Instantaneamente, Michele fica chocada com a mensagem e Brau confuso. Elza exclama: O quê??? Michele corre aos bastidores e se dirige à Andreia.

Michele: Eu não aprovei a mensagem desse anúncio!
 Andréia: Desculpa Michele, mas está no contrato. O Francis tem todo o direito de aprovar o texto.
 Michele: Pois não devia estar!
 Brau: Você tá linda na foto, cheirosa.
 Michele: Você acha que eu prestei atenção em foto?! Atrás de um grande homem tem sempre uma grande mulher...?!
 Andréia: Mas é verdade.

Michele se vira furiosa para a advogada:

Michele: Atrás??? O certo não seria ao lado, Andréia?
 Brau: Você tem razão, seria. Mesmo porque eu não gosto de ninguém atrás de mim. Eu fico agoniado, é trauma da época da escola...

Michele ignora Brau e continua falando com Andreia:

Michele: Se fosse ao lado de uma grande mulher há sempre um grande homem... tudo bem... liga pra ele, liga pra ele e diz que esta campanha está fora do ar HOJE!
 Brau: Não, perai, cheirosa... ele patrocina o programa. Sem patrocínio o programa acaba.

Michele dá de ombros:

Michele: Pois que acabe o programa.
 Andréia: Ai.. que exagero, é só um ditado popular!

Michele se volta furiosa à Andreia mais uma vez:

Michele: Exagero? Escuta o que você está falando Andréia! Atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher??? Isso é um ditado MA..
 Andréia: Maravilhoso...
 Michele: CHIS-TA!!! Liga pra ele... que eu quero ver o que ele vai falar comigo! Liga agora!
 Andréia: Tá bom, eu vou tentar, ele tá sempre ocupado. Acho melhor a gente mandar um e-mail.
 Michele: Então escreva nesse e-mail, que essa campanha MACHISTA dele, está fora do ar.
 Andréia: Ok! O programa é seu!

Brau acompanha tudo, atrás de Andréia, balançando a cabeça.

Figura 21: Michele discute com Andréia sobre a frase preconceituosa.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.³¹

No outro dia, pela manhã, Michele vai andando pela casa e lembrando as crianças das suas tarefas. Gomes a segue e vai conferindo detalhes sobre tarefas e compras com a patroa. Brau também a está seguindo e tenta argumentar sobre a decisão dela em relação à campanha. Ela continua irredutível e afirma que ele (Francis) não sabe com quem se meteu.

Brau: Sim, cheirosa, mas é só uma frase...

Ela se vira furiosa:

Michele: Não! Também é só uma frase.

Brau: Sim é só uma frase...

E se vira revoltada, mais uma vez:

Michele: Sim! Meu amor! Essa campanha, ela é machista, ela é antiquada, ela é preconceituosa, ela reforça o estereótipo de que trabalho doméstico é exclusividade das mulheres!

Brau: É, você tem razão, é um absurdo.

Michele: Quer ver outra coisa que é um absurdo? É você não fazer nada nessa casa.

Brau: É... eu não ajudo, mas também não reclamo.

Michele: Ah... muito obrigado por não reclamar, senhor HOMEM! Quero ver você fazer metade das coisas que eu faço em uma semana.

Brau: Ah.. se eu quisesse eu faria.

Michele: Duvido.

Brau: Quer apostar?

Michele: Opa! Se quero!

Brau: Valendo o quê?

Michele: O que você quiser.

³¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/>. Acessado em: 03 set. 2017.

Brau: Ah, com um estímulo desses, já tá ganha essa aposta.

Figura 22: Michele discute com Brau sobre a campanha machista.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.³²

Eles apertam as mãos e selam o combinado. Brau sai arrumando as decorações da casa, com cara de quem está convencido que vai ganhar. Enquanto Michele fala ao telefone e resolve questões com Gomes, Brau fica de papo para o ar, fazendo nada. Ela passa a lista de tarefas dela para Brau. Lima ouve a conversa e começa a dar ideias sem noção para a festa de aniversário de Lia, que é uma das tarefas assumidas por Brau.

Henrique diz para Andreia que Francis marcou reunião com ele. A esposa fica revoltada, pois está tentando marcar um horário com Francis, mas nunca consegue. Ela acha a atitude de Francis machista, pois é ela quem está cuidando dos contratos entre ele e os Brau. Ela decide ir à reunião junto com Henrique. Andréia vai tomar banho e, logo depois que ela sai, Henriquinho chama Catarina de mãe. Henrique ouve e fica preocupado, decide então ficar em casa para cuidar do filho.

Lima e Brau não conseguem controlar as crianças, que fazem uma bagunça generalizada na casa. O músico se desespera, pois a esposa não pode ver a casa toda desarrumada. Ele acaba subornando as crianças para ajudarem a arrumar tudo. Gomes pega o patrão no flagra, que nega o suborno e pede para o assistente não contar nada a Michele. Brau acaba convencendo Gomes a ajudar na arrumação dando uma garrafa de vinho importada para o assistente. Quando a empresária chega em casa, tudo está arrumado e as crianças fazendo suas atividades da escola. Gomes

³² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/>. Acessado em: 03 set. 2017.

traz um buquê de flores enviado por Francis, e Brau comenta que ganhou uma garrafa de vinho do publicitário. A atitude de enviar vinho ao marido e flores a ela revolta a empresária, que pega as flores e sai esbaforida porta afora. Na rua, ela cruza com Andreia e adverte a advogada que Francis não presta. Andréia concorda e diz que está indo até a agência dele e convida Michele para ir junto. As duas saem de carro furiosas, prometendo acabar com o publicitário.

Enquanto isso, Henrique bola um plano para que o filho pare de chamar Catarina de mãe. Mas o plano não dá muito certo.

Brau aparece vestido com roupas mais “normais”, em relação às peças extravagantes que costuma usar e Lima acha estranho. Os planos do músico para o aniversário de Lia não agradam a filha. A ajuda nos temas de casa de Egídio e Carlito também não dão muito certo. Tenente Marques entra na mansão para dar um aviso, mas Brau não dá importância, pois é Michele que resolve as questões do condomínio e pede que Marques deixe o comunicado em cima da mesa. As crianças pedem pela volta de Michele, Brau concorda e espera que seja logo.

Michele e Andréia chegam à agência de Francis, que está em reunião. Elas insistem em falar com ele e decidem aguardar. Michele começa a avaliar as peças publicitárias espalhadas pela agência, e se dá conta de que são todas machistas.

Henrique e Brau passeiam com Henriquinho no parque do condomínio. O músico se vangloria por cuidar da casa, dos filhos e de sua carreira, mas confessa que não sabe se vai aguentar mais de um dia em todas as funções. O filho de Henrique não para de chorar, e o advogado pede para que Brau cuide dele, enquanto volta em casa para buscar a chupeta. O músico vê os filhos brigando e vai apartar a briga entre Lia e Carlito, se esquecendo de Henriquinho. Lia adverte o pai que o bebê ficou na praça, ele volta correndo, desesperado atrás da criança. Chegando lá, ele se depara com dois carrinhos, ele pega um deles e volta correndo. Ao encontrar Henrique, eles descobrem que Brau pegou a criança errada.

Figura 23: Francis tenta convencer Michele e Andréia de que não é machista.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.³³

Michele e Andréia são atendidas e ficam chocadas ao descobrir que Francis é, na verdade, uma mulher. A advogada diz que pensava que ela era homem, e Francis então responde que esse engano é normal. Michele interrompe e diz que é por causa das peças machistas que ela produz. Francis tenta convencer que não é machista e sim pragmática, sendo que seu trabalho é escolher o que vende mais. Então ela apresenta os layouts pensados para a campanha que Michele vai estrelar, todas ideias machistas. O layout apresenta Michele de biquíni, apoiando um dos pés no planeta e segurando produtos de limpeza. Michele e Andreia confrontam as ideias apresentadas por Francis, que tenta convencer que não é machista, sem sucesso. Michele desiste e diz que vai cancelar o contrato. Então, Francis adverte que ela terá de pagar uma multa. Andréia, apavorada, mostra o valor para a cliente. Francis finaliza afirmando que além de perder o programa, a empresária também vai ter de desembolsar muito dinheiro.

[intervalo]

Enquanto correm até a praça para destruir os bebês, Henrique xinga Brau por ter confundido o filho dele com outra criança, e o músico argumenta que não tem culpa, porque os brancos são todos iguais.

Michele está na cama, triste. Brau entra com as crianças, tentando alegrar a esposa. Ela lamenta ter perdido o programa e se sente mal pois muita gente ficará desempregada por causa da atitude dela. Brau tenta a consolar. Lia diz que Michele tem que fazer o que seu coração mandar. Michele toma coragem e decide fazer o comercial. A empresária passa por um grande e dolorido ritual de beleza para se

³³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/>. Acessado em: 03 set. 2017.

preparar para as fotos da campanha. Enquanto isso, conversa com Gomes e pede ajuda para escolher um presente de aniversário para a filha. Ela se dá conta que os brinquedos para meninas são na maioria ligados a serviços domésticos e cor de rosa.

Figura 24: Michele faz fotos para campanha.



Fonte: Capturas de tela no site *Globo Play*.³⁴

Na sessão de fotos, Michele veste apenas um *body* e é orientada a fazer expressões sensuais. Ela está um pouco contrariada e decide fazer uma pausa, mas Francis a impede de comer e alerta todos no estúdio que ela está proibida de se alimentar. A publicitária pede então para o fotógrafo tirar as “gordurinhas” da musa no *Photoshop*. Michele ouve a conversa e questiona Francis, que se esquivava e aproveita a raiva da modelo para fazer mais fotos.

Henriquinho continua chamando Catarina de mamãe. A empregada tenta fazer com que o bebê não goste dela, mas não funciona. Henrique decide ficar sozinho com o filho.

Iniciam os preparativos da festa de Lia. Brau manda arquitetos fazerem a maquete do tema de casa de Carlito. O menino fica decepcionado, pois ninguém vai acreditar que ele fez aquele trabalho e resolve ele mesmo fazer a estrutura, mesmo sem saber fazer.

Michele está levando Lia ao *shopping* para comprar seu presente de aniversário, quando passam em frente de uma das peças da campanha estrelada pela empresária. Ela pede para a filha não olhar, mas esta afirma ser tarde demais, pois já viu e diz nunca ter visto algo tão estranho.

Michele: A palavra não é estranho minha filha, é machista.

³⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/>. Acessado em: 03 set. 2017.

Lia: Não combina com você.

Michele fica pensativa e convida a filha para ir outro dia ao *shopping*. Ela afirma que hoje vai dar um presente que não é de comprar.

Figura 25: Michele passa na frente de outdoor com a filha.



Fonte: Capturas de tela no site *Globo Play*.³⁵

A empresária vai até a casa de Andreia e a chama para sair. Começa a tocar no fundo a música de Elza Soares e as cenas da cantora no programa dos Brau se intercalam com as de Michele e Andréia. Elas voltam até a banca de revista, que tem na sua parte traseira, a peça da campanha machista que Michele estrelou. Andreia sai do carro e se posiciona para filmar. Michele então grafita a palavra “MACHISTA” em cima da imagem, e dá o recado olhando para a câmera do celular de Andreia.

Michele: Essa vai pra Lia, pro Egídio, pro Carlito, pro Henriquinho e pra todas as crianças desse Brasil! Meninos e meninas vocês têm direitos iguais!

O trânsito para e todos na rua estão observando o que Michele está fazendo. Aparecem fotógrafos e, rapidamente, o vídeo de Michele viraliza na internet.

³⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/>. Acessado em: 03 set. 2017.

A festa de Lia começa, está tudo perfeito, mas falta luz. Enquanto isso, Francis se diverte com um homem no seu escritório, quando vê a repercussão da atitude de Michele na tevê.

Figura 26: Michele faz pichação enquanto Andréia filma.



Fonte: Captura de tela no site *Globo Play*.³⁶

[intervalo]

Tenente Marques vai até a casa dos Brau e imediatamente começa a ser xingado, pois confirma que faltou luz, no horário que estava marcado para faltar luz, assim como dizia no comunicado que entregou para Brau. Gomes então questiona Brau sobre o comunicado. O músico alega que não teve tempo de ler, pois tinha muitas outras coisas para fazer, como organizar a festa de Lia. A filha fica chateada. A festa se muda para o campo de futebol do condomínio, que está iluminado com faróis de carros. Brau traz a goleira Bárbara da seleção brasileira para a festa, Lia fica muito feliz com a convidada surpresa, pois quer muito ser goleira. Michele chega mais tarde ao campo, Lia a abraça e confessa que este é o melhor presente de aniversário que já ganhou. Michele está preocupada e conta para Brau que perderam o patrocínio do programa. Ele não dá importância para a preocupação dela, alegando que ela

³⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/mister-brau/p/8922/>. Acessado em: 03 set. 2017.

estava linda no vídeo e que é melhor perder o programa do que a dignidade, e beija a esposa. Francis então invade o campo aos gritos, anunciando que precisa falar urgentemente com Michele. A empresária se adianta e afirma que não vai pedir desculpas e tampouco deixa Francis falar. Ela afirma que fez o que tinha que fazer. Então, para a surpresa do casal, a publicitária informa que Michele fez muito bem e mostra o vídeo da pichação para a empresária. Ela diz que foi “divino”. Que ligou para a marca e que eles vão patrocinar o programa, pois o machismo não está em com nada, ao passo que o feminismo pode render muito dinheiro. Eles comemoram e assinam um novo contrato.

No meio da madrugada, Henriquinho chora. Andréia vai atendê-lo e ele a chama de mamãe, para a alegria de Henrique.

Durante o café da manhã, Carlito chega com a maquete feita por ele, meio chateado por ter ficado torta, mas Michele o anima dizendo que está linda, pois foi ele quem fez. O menino sai feliz.

Brau: Ah... eu sou obrigado a admitir, vocês são o máximo.

Michele: Vocês quem?

Brau: As 67 pessoas que vivem em você, cheirosinha.

Michele: Em mim e em todas as mulheres, não é meu amor. Sabe que eu li uma matéria aqui, que diz que as mulheres trabalham cinco horas a mais que os homens por semana?

Brau: É, vocês trabalham 260 horas a mais do que a gente. Isso são 10 dias por ano!

Michele: Como você fez essa conta tão rápido?

Brau: Com a calculadora no celular...

Eles se jogam no sofá, Michele no colo de Brau.

Michele: Trabalhamos mais e ganhamos menos.

Brau: Que absurdo!

Michele: Um absurdo!

Brau: Exijo justiça!

Michele: Ah.. quer justiça?

Brau: Quero justiça!

Michele: Então teremos justiça. Como você ganha mais, a partir de hoje, nós vamos ganhar igual.

Brau: Decidido.

Michele: Decidido. Eu vou tirar do seu salário pra me pagar.

Brau: Peraí, do meu salário? Por que é que tem que ser do meu salário?

Michele: Amor, pra aumentar o meu, tirar do meu que não ia ser.

Brau: Do Lima...

Michele mostra para o marido gráfico com os ganhos mensais dele. Ele fica surpreso e pergunta onde está esse dinheiro. Ela então mostra o tamanho da casa

onde eles moram e afirma que custa caro manter uma mansão. O episódio termina com Brau reclamando dos custos de manutenção da casa e ao fundo toca a música “Estranhou o quê”.

Apresentados os episódios nos quais Michele protagonizou situações de opressão, desenvolvemos no capítulo seguinte as análises que emergiram dos dados, em diálogo com o referencial teórico.

6 ANÁLISE DO CORPUS: ENTRE OPRESSÕES E RESISTÊNCIAS

Neste capítulo, apresentamos a análise a partir de duas tabelas: uma que trata sobre as situações de machismo e outra sobre machismo e racismo sobrepostos. Nelas, expomos de forma sintética a situação na qual o ato de opressão ocorreu, verificando a existência de algum posicionamento de resistência por parte de Michele e como ele se deu. Apresentada a sistematização deste corpus, geramos as análises para pensar sobre as representações das práticas de resistência de Michele.

Tabela 2: Situações com opressões machistas contra Michele.

MACHISMO			
	Situação	Teve resistência?	Descrição
Episódio 02, temporada 01	Brau pede à Michele que pose para campanha do <i>Braudaid</i> , com um curativo colado no bumbum.	Sim.	Michele recusa a proposta e sugere que Brau mostre o bumbum dele na campanha.
Episódio 02, temporada 01	Brau usa imagem que parece a “bunda” de Michele na caixa do <i>Braudaid</i> e faz slogan que insinua que o corpo na embalagem é de Michele, sem a autorização dela. A imagem viraliza como se fosse do corpo da musa e Brau quer fazer declaração pública contando a verdade sobre a imagem.	Sim.	Michele resolve sozinha a situação e revida a atitude do marido aproveitando da suposta exposição do seu corpo.
Episódio 02, temporada 01	Brau fica incomodado com as fotos de Michele para a revista e acaba concordando com a ideia da esposa posar de burca, pois no entendimento dele, ela não mostraria tanto o corpo.	Sim.	Michele para agradar o marido, posa de burca. Entretanto ela não deixa de mostrar o bumbum nas fotos.

Episódio 8, terceira temporada	Michele é surpreendida por peça publicitária machista de patrocinador de Os Brau. A advogada da empresária não compreende o teor machista da peça.	Sim.	Michele exige que a campanha seja cancelada.
Episódio 8, Terceira temporada	Brau insiste que a esposa deve repensar sua decisão, pois se trata “apenas de uma frase”. E apesar de acabar concordando com a esposa, o músico reconhece que não ajuda nas tarefas doméstica, mas que também não reclama de nada.	Sim.	Michele argumenta mais uma vez as opressões inscritas na campanha, convencendo Brau de sua atitude. Ela ironiza o posicionamento de Brau em não ajudar nas tarefas domésticas.
Episódio 8, Terceira temporada	Francis, em pedido de desculpas ao casal, envia garrafa de vinho para Brau e um buquê de flores para Michele.	Sim.	Michele se revolta e vai até o escritório de Francis para confrontá-lo.
Episódio 8, Terceira temporada	Na sessão de fotos para a campanha, Michele veste apenas um <i>body</i> , é orientada a fazer expressões sensuais.	Sim.	Após a campanha começar a ser veiculada, Michele passa por um outdoor com sua filha, que a questiona sobre a imagem. Michele reflete e decide revidar ao machismo da peça com vídeo que viraliza na internet mostrando seu real posicionamento diante da campanha.

Nas situações da tabela podemos visualizar as ocasiões em que algum ato machista foi deferido contra Michele. Primeiramente, fica evidente que a noção de gênero feminino é tratada como marca diferenciadora biológica (Butler, 2003; Louro, 2003), no sentido de que o sexo da personagem define sua construção de gênero pela perspectiva de quem articula as situações machistas. Tal cenário pode ser exemplificado tanto na solicitação de Brau à esposa para posar com o *Braudaid* no bumbum, quanto nas fotos para a campanha do patrocinador de *Os Brau*. Nestas ocasiões, a personagem se torna o seu sexo, seu corpo é tomado como objeto, sendo

visto como uma mídia para venda de curativos e produtos de limpeza. Tais situações também nos remetem ao problema do corpo feminino enquanto instrumento a ser explorado (Butler, 2003). Destacamos, ainda, a situação do corpo de Michele ser negro, algo que acentua o seu caráter de objeto sexualizado. Este problema, conforme vimos, encontra reflexo em vários espaços: desde o Carnaval, até representações em anúncios. Nas situações descritas, a personagem Michele é esvaziada de toda sua construção psíquica e humana, transformando-se em um corpo oco, sem histórias e sem subjetividades. A instrumentalização do corpo feminino é tratada pelas pesquisadoras de gênero como um problema histórico no qual a mulher, desde a infância, tem sua estrutura de vida pré-condicionada e regulada (Butler, 2003; Saffioti, 2004). Este fenômeno é compreendido como consequência de uma ordem patriarcal que entende a mulher como um corpo que deve ser zelado e/ou lido como objeto sexual; enquanto o homem é um sujeito pensante que deve “estar na rua”, trabalhando e criando laços sociais para o sustento de sua família. Por se tratar de uma questão histórica, esta forma de machismo não é normalmente encarada como opressão, mas como algo normal, como vemos na insistência de Brau em colocar o corpo de sua própria esposa estampando a embalagem do *Braudaid*. A legitimação desta fala se dá por intermédio da repetição, ou seja, tanto ela é propagada que ganha condição de real, como pode ser visto por exemplo na situação da frase machista, geradora de grande polêmica, “Por trás de um grande homem tem sempre uma grande mulher”. Isto porque, tanto Andréia, quanto Brau, consideram se tratar apenas de uma frase inocente, um ditado popular, sem a necessidade de ser contestada.

O problema destes “ditados populares” é que, ao se transformarem em uma tautologia, mascaram o que pode existir de problemática. No caso da frase citada, ela se dá justamente pelo fato de que representa uma condição que sempre foi vista como natural entre dois gêneros: o homem provedor e a mulher apoiadora. Trata-se da cristalização dos papéis de gênero na “boca do povo”. Isto nos leva a pensar sobre as mulheres que têm seu direito de fala suprimido, ao passo que este é garantido apenas aos homens (Butler, 2003). Podemos visualizar esta proposição no momento em que Brau, diante da fúria de Michele perante a viralização da sua “bunda” na internet, se oferece para fazer uma declaração pública negando que a imagem se trata do corpo da esposa. Obviamente, Brau tem a intenção de corrigir um erro cometido por ele

mesmo, porém não se pode deixar de notar a crença no direito de fala autorizada do homem.

Na designação de Michele, e não Brau, para estrelar campanha de produto de limpeza e no posicionamento do cantor ao assumir que não ajuda em nenhuma tarefa doméstica e que também “não reclama”, vemos a ideia fundada na biologia de diferenciar homens e mulheres pelo sexo, já que esta desencadeia uma pré-definição de papéis a serem seguidos por homens e mulheres historicamente (Louro, 2003). Ou seja, nas situações citadas, percebemos que todas as tarefas domésticas seriam responsabilidade das mulheres. Tal situação também reflete o fenômeno de a representação da mulher na publicidade ser frequentemente associada a tarefas domésticas, delimitando o seu espaço de atuação no ambiente privado do lar. Esta questão reforça os estereótipos de gênero, funcionando como um desserviço ao público feminino. Aliás, isso vem sendo debatido em grande parte do Ocidente. Recentemente, o Reino Unido proibiu anúncios que fomentassem estereótipos de gênero (EL PAÍS, 2017), por exemplo.

Outro problema de representação da mulher via publicidade é o que pode ser visualizado na Figura 11. Nela, há Brau sentado em uma poltrona e sua esposa Michele ao lado, de pé. A disposição do casal já nos remete à uma noção de hierarquia de poder, lembrando inclusive das antigas fotos de família, em que o marido e provedor da família aparecia sempre sentado, com sua esposa em pé. No entanto, é a frase presente no anúncio que acaba funcionando como veículo de uma posição de poder patriarcal. A constituição da publicidade coloca Brau em primeiro plano e Michele em sua posição de coadjuvante, enquanto a frase universaliza esta relação desigual de protagonismo a todas as relações entre homens e mulheres. A partir destas representações, podemos constatar o caráter performativo (Butler, 2003) da construção de uma masculinidade que coloca a mulher como alegoria de suas ações. E no que diz respeito à representação de uma feminilidade a partir de Michele, fica claro a percepção do caráter “frágil” do gênero feminino quando Francis envia uma garrafa de vinho para Brau e um buquê de flores para Michele, associando a bebida alcoólica à figura masculina e um objeto de decoração à mulher.

Apesar de todas estas situações machistas, Michele encontra formas de resistir, colocando suas opiniões e deixando claro seu posicionamento frente a estas ações. A personagem apresenta-se como contundente ao não permitir que outros regulem a

exposição do seu próprio corpo, e nem que suprimam seu direito de fala. Michele não aceita passivamente os desejos do marido, como vemos na recusa em posar com o *Braudaid* e o posterior aceite para posar de calcinha. Por vezes ela negocia o poder com o marido, como na situação da sessão de fotos vestida de odalisca, quando sugere posar de burca para agradá-lo, mas que ao final, demonstra mais uma vez estar no controle, já que continua mostrando o bumbum, para o incômodo de Brau. Se historicamente o corpo feminino foi algo cuja posse pertencia ao homem (no papel de marido/amante), hoje a série o representa como um instrumento político da mulher. Na narrativa, Michele o usa para zombar do machismo de seu marido ao mesmo tempo em que reforça a posse sobre o seu próprio corpo.

No entanto, as práticas de resistência contra o machismo mais emblemáticas de Michele são extraídas do último episódio apresentado. A empresária se posiciona, em um primeiro momento, irredutível contra a frase machista “Por trás de um grande homem tem sempre uma grande mulher”, ao passo que exige que esta campanha seja retirada do ar, independente das consequências disto. A cena evidencia a clareza que Michele possui em relação à carga de opressão contida no anúncio. Nesta situação, chama também atenção a contraposição à ideia que as feministas brancas, segundo hooks (2015) tinham das mulheres negras, que seriam ignorantes em relação à existência da opressão machista, uma vez que é Michele quem alerta Andréia, uma mulher branca, sobre o teor machista da mensagem.

A empresária ainda, dada a insistência de Brau em convencê-la a não cancelar a campanha, toma seu lugar de fala e explica ao marido o porquê da mensagem ser machista. Apesar de Brau aparentemente se convencer da opressão apresentada na frase, Michele demonstra que ele também age de maneira machista dentro da própria casa, pois o músico não intervém em nenhuma tarefa doméstica, demonstrando a sua posição ativa e resistente na relação conjugal. A tentativa de defesa do marido, ao dizer que “não reclama de nada” apenas embasa a afirmação de Michele, que ironiza a atitude de Brau ao agradecer-lo e chamá-lo de “senhor homem”. Ela explicita então que o machismo também faz parte das ações de Brau de maneira tão naturalizada, que ele mesmo não consegue perceber seu atos como machistas.

A atitude conservadora de Francis, ao enviar vinho para Brau e flores para Michele, é a ação desencadeadora da fúria da empresária, que resolve confrontar pessoalmente o publicitário. Pois neste ato, Francis demonstra ignorar o

posicionamento de Michele perante a campanha e ainda age de maneira provocativa, com o envio de presentes marcadamente sexistas. Apesar de todas as tentativas de confrontação de Michele, ela acaba se vendo obrigada a ceder à opressão machista quando percebe que as consequências da sua decisão de cancelar o contrato com o patrocinador irão afetar muitas pessoas. Aqui, vemos a dificuldade de se combater o discurso hegemônico em sua totalidade, uma vez que a personagem seria vista como responsável por uma série de consequências negativas que emergiriam de seu posicionamento. Ela seria rotulada como a grande vilã da situação, ao invés do machismo, pois muitas pessoas perderiam seus empregos, caso o programa fosse cancelado por falta de patrocínio. Michele sacrifica seus ideais, em prol de um bem supostamente maior, assim como muitas mulheres foram e são obrigadas a fazer, quando encontram-se encurraladas por um sistema que privilegia o masculino e subjuga o feminino. A série nos mostra, por intermédio da personagem Michele, a face realista e complexa da situação da mulher numa sociedade assentada em convenções patriarcais.

A reação da empresária surge quando, após o início da veiculação da campanha, ela se dá conta da importância de mostrar para a Lia que o machismo não pode ser visto como algo natural na cultura. Este fato motiva Michele a realizar seu ato máximo contra esta opressão. Ao chamar Andreia para ajudá-la em sua ação, Michele reforça a importância da união das mulheres contra o machismo. Mesmo que ela e a vizinha possuam suas diferenças, um objetivo maior as une. No ato de grafitar a peça de teor claramente machista, Michele quebra a dicotomia que assegura o lugar submisso da mulher (Louro, 2003; Butler, 2003) e ocupa seu lugar de fala (Butler, 2003) ao viralizar seu discurso contra-hegemônico na internet. A preocupação da personagem com a formação das percepções das crianças diante do machismo vai ao encontro da afirmação de que é na infância que nos tornamos sujeitos culturais, ou seja, é neste momento que absorvemos os códigos necessários para entendermos e nos relacionarmos socialmente (Hall, 1997).

Tabela 3: Situações com opressões machistas e racistas sobrepostas contra Michele.

MACHISMO / RACISMO			
	Situação	Teve resistência?	Descrição
Episódio 07, temporada 01	Pai de Andréia, ao entrar na cozinha e se deparar com Michele, sem saber que era ela, a assedia achando que ela é a empregada.	Sim.	Michele dá tapa na cara de Antônio Carlos e interroga o advogado sobre a sua ação.
Episódio 13, temporada 01	Durante jantar com Michele, produtor estrangeiro aparenta duvidar da habilidade vocal da empresária.	Sim.	Michele se levanta e começa a cantar com acompanhamento do pianista do restaurante.
Episódio 13, temporada 01	Figurino carnavalesco selecionado para show de Michele nos Estados Unidos.	Sim.	Michele muda a sistemática do show. Ela cobre o figurino carnavalesco com o fraque de Gomes e canta sentada em um banquinho.

Nas três situações destacadas acima, Michele é alvo de dois preconceitos, que agem de maneira conjunta e sobreposta sobre a personagem: racismo e machismo. O que sugere que não se pode encarar de maneira estanque os preconceitos sofridos pela personagem, pois a título de exemplo, na primeira cena destacada, certamente se a pessoa “estranha” na cozinha em questão fosse um homem negro, Antônio Carlos não o teria assediado, assim como se fosse uma mulher branca, o advogado não teria julgado se tratar de uma empregada. O que configura uma situação de discriminação mista (Crenshaw, 2004). Ou seja, é necessário tratar os preconceitos como sobreposições (Crenshaw, 2004) a fim de uma articulação completa.

Tanto no ato de Antônio Carlos apalpar Michele, quanto na imposição de figurino carnavalesco para show nos Estados Unidos, tem-se uma reafirmação do mito da democracia racial brasileira (Carneiro, 2011; Gonzalez, 1984). Uma vez que na primeira situação, assim que o pai de Andréia se depara com uma mulher negra na cozinha, naturalmente deduz se tratar de uma empregada. Posto que a visão de lugar

subalterno ocupado pelos negros está tão enraizada pela sociedade, a ponto de ser vista como “lugar natural” destes (Gonzalez, 1984). Isto porque, esta naturalidade está diretamente ligada na fixação da hierarquização racial e de gênero, resultantes do estupro colonial (Carneiro, 2011), que vigoram até hoje, e tem sua opressão atuando de forma mais contundente sobre as mulheres negras, os alvos dessa violência.

Ao passo que, na atitude do pai de Andréia, vemos que este hábito abusivo ainda se repete, pois o homem branco persiste em ver a mulher negra não apenas como empregada, mas também como objeto sexual ao seu dispor. Já em relação à cena no show de Michele, temos um dos resultados da ação do mito da democracia racial brasileira. Principalmente por intermédio da mídia, ele constrói o estereótipo da mulata sensual, indo de encontro ao que é salientado por Gonzalez (1984) ao afirmar que durante o carnaval a mulata ganha destaque na mídia e ganha a atenção dos gringos. Neste momento se difunde e se fixa este estereótipo sobre a mulher brasileira afrodescendente dentro e fora do país. Sendo assim, a imposição de figurino carnavalesco, deixa clara a representação que é feita da mulher negra brasileira no exterior, pois como é dito pela personagem Michele, isto é “o que gringo quer ver”.

O reflexo desta visão estereotipada sobre ela também pode ser constatada na segunda situação evidenciada na tabela. Já que, baseado no estereótipo de mulata sensual, o produtor americano aparenta duvidar do potencial vocal de Michele, quando sugere que ela deve usar *playback* nos seus shows. Ou seja, como o estereótipo de mulata sensual diz respeito apenas à sensualidade de seu corpo, que neste caso é apresentada por intermédio da dança, a mulher negra fica restrita à esta característica simplificada (Hall, 1997), não podendo ser dotada de quaisquer outras habilidades. Aqui, saindo rapidamente da sobreposição de opressões, e nos delimitando apenas ao racismo, podemos acrescentar a ideia construída em torno da falta de capacidade do negro, por sua suposta aproximação com a natureza (Hall, 2003) e distanciamento em relação à cultura acumulação e prática de saberes. A atitude de Gomes, pela perspectiva do gênero, também nos remete ao problema do patriarcado que se firma pela imposição do controle e do medo, conforme salientado por Saffioti (2004).

Além do estereótipo de mulata sensual, também é possível observar o emprego do estereótipo de empregada (Gonzalez, 1984) em Michele. Posto que, o pensamento racista de Antônio Carlos, também está refletido na não observância do fato de que

Michele não estava vestindo uniforme de empregada, para ser confundida com uma. A naturalização deste estereótipo associado à mulher negra, está tão entranhado, que mesmo vestindo roupas que não reflitam uma baixa posição de classe social, estas permanecem sendo vistas apenas pelas lentes dos estereótipos raciais.

Esta operação conjunta de discriminações sobre a personagem também pode ser classificada como uma discriminação de grupo específico (Crenshaw, 2004). Pois o fator raça imporia à mulher comportamentos inapropriados, como a hipersexualização (Hall, 2003) e conseqüentemente uma suposta aceitação passiva de assédios. Ou seja, é criado um estereótipo acerca da mulher negra, graças à propaganda negativa construída em seu entorno, com base nas visões racistas do negro. Estas visões deturpadas e propagadas acerca da mulher negra são reforçadas pela mídia, dado que dois dos estereótipos associados às afrodescendentes, mais recorrentes na televisão brasileira durante anos, foram o de empregada doméstica e mulata sensual/sedutora (Araújo, 2000).

As reações de Michele no desenrolar das cenas destacadas na tabela, mostram seu posicionamento de mulher negra dotada de compreensão de sua posição em uma sociedade machista e racista. Além revidar as situações de assédio/opressão, ela confronta e questiona seus opressores de maneira a não mostrar nenhum tipo de submissão. Fica evidente que a personagem não se submete às opressões que foram naturalizadas com o estupro colonial (Carneiro, 2004). Ao interrogar Antônio Carlos sobre sua ação, Michele demonstra estar ciente dos preconceitos sofridos, sem a necessidade de interferência por parte de personagens brancos, como se viu em novelas brasileiras, como *Pátria Minha* (Araújo, 2000). Ela toma seu lugar de fala de direito, mesmo na presença de dois homens, que poderiam tentar controlar a situação por motivações assentadas na narrativa patriarcal dominante (Butler, 2003).

Em relação às práticas de resistência, também há as ocasiões do restaurante e do show, quando Michele rompe o estereótipo de mulata sensual. Na primeira ocasião, ela canta ao vivo no meio do restaurante, provando que sabe ser além do que um rosto e um corpo bonitos. Quando cobre o figurino de carnaval com uma roupa masculina, ela quebra a dicotomia que oposiciona masculino e feminino, em razão da mistura de polos que esta ação resulta (Louro, 2003). E para coroar este ato de resistência, Michele se apresenta para o público com um número apenas de canto.

Ou seja, ela elimina todas as características do estereótipo de mulata sensual impostos à ela para a apresentação.

Entretanto, apesar de todas as situações de resistência protagonizadas por Michele, quando Andreia afirma que sua empregada jamais reclamou dos assédios de Antônio Carlos, vemos a força hegemônica da narrativa patriarcalista (Butler, 2003), posto que ela, mesmo sendo mulher, não consegue perceber a gravidade da situação preconceituosa ocorrida. Contudo, Michele mostra também ser tangenciada pelo ideal masculinista, ao solicitar a Antônio Carlos que peça desculpas ao seu marido. Apesar de todas as resistências e posicionamentos, vemos em Michele resquícios de traços da narrativa dominante. Observamos então a confirmação da proposição de Louro (2003) acerca das dificuldades de se pensar fora da dicotomia que opõe masculino e feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados sobre a situação da mulher negra no Brasil, é perceptível a necessidade de tirá-la do lugar de invisibilidade onde se encontra, e trazê-la para posição de protagonismo nos cenários econômico, político e, inclusive, no âmbito midiático. Se relacionarmos este fato com a penetração da televisão nos lares brasileiros, esta mostra-se um importante meio com o potencial de contribuir para a redução desta problemática. Entretanto, desde os primórdios da televisão, a grande maioria das tentativas de representar esta parcela da população foram falhas, superficiais e equivocadas. Raramente apresentando visões mais próximas da realidade da mulher negra, e/ou do negro de uma maneira geral, dada em parte, a credulidade na democracia racial brasileira, assim como, também, o comodismo presente na não problematização das temáticas envolvendo raça. Essa questão se explica pela referência eurocêntrica no que tange às representações, que permeia o pensamento da classe hegemônica, controladora dos meios de comunicação, ignorando a presença destas pessoas na sociedade e o seu papel para uma visibilidade digna.

A presença de um casal de negros como protagonistas de um produto midiático traz uma primeira quebra no padrão hegemônico de representação do negro na mídia. Posto que, até então, estes eram apenas representados em papéis secundários e subalternos, raramente como protagonistas e quando desta importante posição, ao seu lado, sempre se apresentava um protagonista branco. Além disto, encontramos uma segunda ruptura, localizada na presença de situações de preconceito claras contra estes, que tomam atitudes de maneira a se contrapor a estas opressões. Embora possamos encontrar outras poucas personagens negras em papéis de protagonistas, estas eram colocadas ao lado de homens brancos, em representações que não traziam para um primeiro plano questões de opressão envolvendo raça e/ou gênero. Assim como também podemos encontrar outras personagens negras com consciência e posicionamento racial, mas estas nunca ocuparam papéis de protagonistas nas suas tramas. Com isto, podemos perceber na personagem Michele uma evolução na representação da mulher negra no âmbito da ficção nacional. A personagem é representada em papel de protagonismo, envolvendo-se em embates constantes sobre situações preconceituosas.

Dentre as situações opressivas representadas na trama, foi possível encontrar preconceitos de ordem econômica, racial e de gênero. Porém, para fins de delimitação do problema de pesquisa, nos concentramos naquelas situações protagonizadas por Michele enquanto sujeito vítima do discurso opressivo, focalizando, assim, nas situações envolvendo questões de raça e gênero. Foi possível perceber que as transposições de atos racistas e machistas se apresentaram em circunstâncias onde o ideal de lugar natural do negro se demonstrou entranhado no imaginário social, assim como também a crença nos estereótipos difundidos pela mídia acerca da mulher negra. Já as situações que apresentam opressões apenas de cunho machista reafirmaram o quanto o pensamento masculinista insiste em agir sobre a mulher na publicidade e nas relações entre marido e mulher.

Após a verificação da presença de tais condutas preconceituosas oriundas de outros personagens agindo sobre Michele, observamos de que forma se deu a representação da resposta da personagem frente a estes discursos de opressão. Verificamos que a personagem sempre foi representada como sujeito ativo, se posicionando de maneira firme e lutando pelos seus ideais. A personagem não apenas nega submissão aos atos opressivos, como toma atitudes que contrariam diretamente estas imposições. Michele se coloca de maneira a ressaltar o poder sobre seu corpo e suas decisões. Com isto, a protagonista deixa claro seu posicionamento feminista e negro, além da preocupação com a presença destes ideais na formação do pensamento crítico de crianças e adolescentes. Neste momento, mais uma lição é trazida pela personagem, uma vez que ela demonstra a importância de se conscientizar, ainda na infância, sobre o que é opressão e como combatê-la, defendendo o que poderíamos chamar de uma pedagogia feminista. Aqui, portanto, temos mais um contraponto com as representações que se costumavam reproduzir sobre o negro na televisão, já que temos uma mulher negra conscientizando não apenas crianças sobre machismo e racismo, como também personagens adultos e brancos.

Entretanto, é preciso enfatizar que Michele não se apresenta como impenetrável ao discurso machista que reprime a liberdade e a autonomia femininas. Como vimos, em situações pontuais, a personagem deixa transparecer a força atuante do discurso hegemônico, no que toca a submissão da mulher perante o homem. O que também demonstra o quão estes ideais estão fixos na nossa cultura, já que,

mesmo uma mulher forte e consciente da existência de opressões sexistas, pode ser afetada. Dessa forma, que não podemos tratar Michele como uma plena heroína, que tudo combate e que tudo vence. Nesse sentido, a série também é realista ao demonstrar que, por vezes, a resistência deve ser substituída por práticas de negociação.

Portanto, temos em Michele a representação de uma mulher negra empoderada e consciente da sua posição duplamente inferiorizada na hierarquia social. A personagem, apesar de ser contaminada pela visão machista, dentro do relacionamento conjugal, consegue saciar a necessidade de representação da mulher negra em contexto não romantizado. Ou seja, mais próximo do real, uma vez que o mito da democracia racial brasileira é desconstruído pela série, ao expor seus protagonistas a situações de discriminação racial. Para além disto, Michele fomenta com suas resistências questionamentos acerca dos estereótipos construídos sobre a mulher negra, assim como sobre as relações dicotômicas envolvendo homens e mulheres. Podemos afirmar, então, que a personagem Michele Brau cumpre uma função social ao desempenhar seus atos de contraposição às citadas opressões. Pois por meio dela, a série consegue dar visibilidade àquelas mulheres que não têm voz na nossa sociedade. Com isto, é necessário salientar o mérito da série em representar de maneira crítica situações que, até pouco tempo atrás, eram praticamente invisíveis dentro dos produtos midiáticos massivos. Concluímos, portanto, que na representação da mulher negra através de Michele, temos uma grande quebra de paradigmas assentados na nossa sociedade desde a época da escravidão. Esta ruptura está justamente no fato de que é a própria mídia que se colocou “disponível” para fomentar estas discussões. Logo ela, uma das grandes responsáveis pela difusão das representações problemáticas acerca do/da negra.. Esta constatação nos faz sentir uma ponta de esperança diante de um possível princípio de mudança, com relação às representações dos negros e das negras na televisão comercial brasileira.

É evidente que se nosso objeto de estudo fosse tomado pela luz dos conceitos da interseccionalidade, obteríamos resultados mais completos. Porém, tendo em vista o caráter de uma monografia e o pouco tempo de elaboração que esta permite, preferimos não incluir esta abordagem. Salientamos, ainda, a complexidade de apropriação dos conceitos trazidos neste estudo. Infelizmente não temos contato com temas como gênero, raça e feminismo negro no nível teórico. São conceitos que se

fundem a perspectivas teóricas de campos que não são o da Comunicação. Ou seja, são pouco ou nada estudados durante o curso. Sendo assim, foi necessário um grande investimento para que fosse compreendido e articulado analiticamente. Em relação às delimitações, também destacamos a escassez de bibliografia referente à representação do negro na televisão nacional. Contudo, a partir desta pesquisa, acreditamos que podemos ter contribuído para a constituição deste repertório de estudos.

Das sugestões que podemos elencar para futuras análises deste objeto, podemos sugerir a análise da representação de Brau como centro do estudo. Seria também interessante realizar a observação de ambos os protagonistas, problematizando questões referentes à ascensão econômica e social do casal negro, e como isso se reflete nos personagens brancos da série. Outro viés de estudo bastante relevante que poderia ser feito pensando na “etapa” do consumo no Circuito da Cultura de du Gay através de um estudo de recepção por parte dos telespectadores. Estes poderiam ainda ser segmentados por gênero e raça, afim de uma comparação dos resultados obtidos. A série, portanto, permite uma ampla gama de possibilidades de estudos tendo em vista a “ousada” atitude de trazer protagonistas negros, o que já é um grande fator gerador de conteúdos para debate, além do fato de jogar luz sobre assuntos polêmicos para o centro de suas discussões, cumprindo com o bom exercício de sua função social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil : O negro na telenovela brasileira**. São Paulo : Editora SENAC, 2000. 323p.

BELLONE, Luiza. **Mulher negra graduada no Brasil recebe 43% do salário de homem branco**. HUFFPOST, 16 nov. 2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/11/16/mulher-negra-graduada-no-brasil-recebe-43-do-salario-de-homem-branco_a_23279872/>. Acessado em: 10 dez. 2017.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Campina/SP: Cadernos Pagu, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 237p.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Geledés. 6 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acessado em 17 nov. 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Gênero, raça e ascensão social**. Rio de Janeiro: Estudos Feministas. Vol. 3, n. 2, P. 544-552, 1995.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. São Paulo: Estudos Avançados. Vol. 17, n.49, P.117-132, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória**. São Paulo: Revista Parágrafo. V.5, N.1 JAN/JUN. 2017.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2002. Cruzamento: raça e gênero. UNIFEM, 2004.

DAMASCO, Mariana Santos; MAIO, Marcos Schor; MONTEIRO, Simone. **Feminismo negro: identidade, raça e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993)**. Florianópolis: Estudos Feministas. 2012

DANTAS, Sílvia Góis. **As séries televisivas no contexto da ficção nacional: uma aproximação**. Vozes & Diálogo. Itajaí, Vol. 14, n.02, p. 165-179, jul/dez. 2015.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Preâmbulo: Algumas considerações sobre a ficção televisual brasileira**. In: JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Sulina, 2012. p.11-22.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. Editora Atlas. São Paulo, 2009. 380p.

DU GAY, Paul; HALL, Stuart; JANES, Linda; MACKAY, Hugh; NEGUS Keith. **Doing Cultural Studies: the story of the sony walckman**. Sage Publications. London, 2003. 50p.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Representações, mediações e práticas comunicativas**. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Comunicação, representação e práticas sociais. v. 1. Rio de Janeiro: PUC Rio; Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs, 1984. p. 223-244.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUZA, Adam Henrique Freire. **O negro na telenovela brasileira: a representação nas telenovelas da TV Globo na década de 2000**. Em: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34., 2011, Recife. Anais: Quem tem medo de pesquisa empírica? Recife, PE: Intercom, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016, 260p.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Editora UFMG. Minas Gerais, 2003.

HOOKS, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, n.16. Brasília, 2015. p.193-210

_____. Infográfico: **A condição da mulher negra no Brasil em números**. Revista Fórum. 25 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/2016/07/25/infografico-a-condicao-da-mulher-negra-no-brasil-em-numeros/>>. Acessado em: 10 dez. 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; OROZCO GÓMEZ, Guillermo. (Orgs.). **Anuário OBITEL 2016: (Re)invenção de gêneros e formatos da ficção televisiva**. Porto Alegre: Sulina, 2016, 559p.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. 2 ed. São Paulo, 1994. 148p.

LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Wagner. **Dear black people of UFRGS**. Jornal da UFRGS, novembro de 2017a. Disponível em: <https://issuu.com/jornaldauniversidade/docs/ju_20207_20novembro_202017/5>. Acessado em: 20 dez. 2017.

_____. **Programa “Mister Brau” e o contra-agendamento: Quando a sociedade se impõe e pauta a mídia**. In: Intercom, 2017, Curitiba. Anais Eletrônicos. Curitiba.

Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0528-1.pdf>>. Acessado em: 20 dez. 2017b.

OLIVEIRA, Tori. **Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil**. Carta Capital, 20 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>>. Acessado em: 10 dez. 2017.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de televisão**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SILVA, Caroline Fernanda Santos da; CANTO, Vanessa Santos do. **Mulheres negras brasileiras e a construção de identidades negras positivas: trajetórias e rupturas de um debate político**. Em: IV Jornada internacional de políticas públicas. São Luís/MA, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999. 272p.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2004. 196p.

TUBELLA, Patrícia. **Reino Unido proíbe anúncios que fomentam estereótipos de gênero**. El País. 20 jul. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/19/internacional/1500477792_829457.html>. Acessado em: 11 dez. 2017

WERNECK, Jurema. **O racismo nosso de cada dia e a situação da mulher negra no Brasil**. HUFFPOST, 22 mar. 2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/jurema-werneck/o-racismo-nosso-de-cada-dia-e-a-situacao-da-mulher-negra-brasile_a_21905772/> Acessado em: 10 de dez. 2017.